



DA FAMÍLIA

VALÉRIO ROMÃO



DA FAMÍLIA

VALÉRIO ROMÃO

abysmo

*They fuck you up, your mum and dad.
They may not mean to, but they do.
They fill you with the faults they had
And add some extra, just for you.*

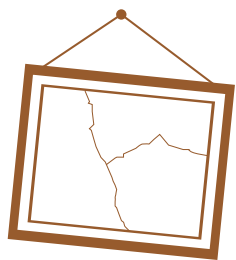
*But they were fucked up in their turn
By fools in old-style hats and coats,
Who half the time were sappy-stern
And half at one another's throats.*

*Man hands on misery to man.
It deepens like a coastal shelf.
Get out as early as you can,
And don't have any kids yourself.*

Philip Larkin, «*This Be the Verse*»

On ne guérit jamais de son enfance.

Anónimo



NO BECO DA AORTA



Quando fui despedido do hospital

não pode ser doutor, a menina à chegada
não tinha problemas de coração e sabe como isto está agora,
é a merda dos advogados, é a informática em que até fica
registrado o que comemos de manhã

fiquei sem saber como conduzir a minha vida sem a trela da
profissão apeada no futuro, a longa corrente dos elos a que
chamamos dias a envolver-me numa segurança de casulo, o
determinismo de ter tudo organizado, figmento de Leibniz a
encher agendas com indisfarçável orgulho, incapaz de imaginar
a terra árida da liberdade sem a cadência rígida de um norte
magnético, fruto da experiência que nos conforma e ensina,
desde muito novos, que a duração de qualquer escolha tende
sempre, como nas funções exponenciais, para mais infinito.

A minha filha morrera há um ano. Um defeito congénito
na válvula mitral, indetectado e normalmente inócuo,
começou a traduzir-se numa série aparentemente desco-
nexa de sintomas que eu deveria ter sabido interpretar.
Não fosse estar com ela apenas aos fins-de-semana

não te posso ver mais, Henrique, o que
éramos já morreu, quero enterrar isto, eu vou com a miúda
passar uns dias fora, tens até ao fim-de-semana para sair,
e não te esqueças de levar o Nero

mas a Rita gosta tanto do cão

eu não tenho tempo para bichos, Henrique,
leva-me essa merda contigo, eu logo lhe dou uma consola
para ela se distrair

e talvez eu tivesse dado conta mais cedo e avaliado com
justeza a amplitude da sombra mortal que a recobria

uma nuvem que passeamos pela trela como um
balão, somos um acontecimento entre a morte por cima e
a morte por baixo

e ela agora ainda estaria viva e eu não teria passado os
últimos meses a abrir esternos sempre que uma constipação
se declinava na suspeita indefinida de algo mais

esta miúda tem uma válvula mitral
defeituosa, têm de me deixar operá-la
e os pais, subitamente amputados na esperança e no poder
faça o que for preciso, doutor, mas salve a
minha menina

e eu abria, escarafunchava, culpava a vista de não ver nada,
culpava os assistentes desmultiplicando-se em desculpas,
entrincheirados nos compêndios que me recitavam de cor
doutor, de acordo com o manual

manual o caralho, pá, isto é alguma biblioteca
e numa fúria mandava toda a gente embora, menos uma
enfermeira dobrada pela vergonha e um anestesista incapaz
de me olhar nos olhos, e voltava a meter a sonda pela aorta, a
atenção posta no monitor de onde o sangue monocromático
ia e vinha num compasso de maré alemã, a enfermeira a
desencaracolar-se das dobras da hierarquia para me negar
uma pinça com a qual eu pudesse abrir mais para ver
melhor e o anestesista, lento e forte como uma árvore velha,
a levantar-se da cadeirinha para me meter os cinco dedos da
mão à frente da cara, numa declaração silenciosa de motim,
e eu não tinha outro remédio senão fechar, coser, sair dali
para fora em busca de um recanto na morgue onde pudesse
lamentar, num choro interminável, o facto de mais uma vez
ter estado demasiado perto e demasiado cego.

Não pensei nunca aguentar-me como taxista, apesar da
natural precisão do dinheiro para reciclar a dívida que entope
ciclicamente a goela da caixa do correio. Durante um tempo
ocupei-me a fazer diagnósticos pelo retrovisor

essa vesícula anda a chateá-lo, não é verdade
e as pessoas, algumas ainda convencidas de que a medicina é
uma ciência oculta com precisão aritmética apenas acessível a
um grupo de iniciados a quem tenham trepanado a parte de
trás do crânio, por onde entrariam as musas do diagnóstico,

olhe que você devia ser médico, isto tem-
-me doído que só deus sabe



e eu, que nunca tivera grande interesse na parte psicológica da equação médica, dava por mim a pensar enfiá-los num beco para, numa laparoscopia improvisada, lhes revelar a essência mecânica de todas as coisas,

a dor é apenas carne e sangue, meu parolo, um saco de berlindes decantados da melhor farinheira com ovos, uma súbita interrupção na gigantesca engrenagem que vai da boca até ao cu, não há nada de sobrenatural nisto para além do facto de te conseguires manter vivo tanto tempo na mais perfeita ignorância, percebes mas voltava a mim a tempo de os entregar à rua, inteiros, intactos,

quer factura

e seguia estrada fora, evitando tanto quanto possível as praças de táxi, onde seria obrigado a fingir um coma profundo para não ter de falar com ninguém.

O inevitável tempo lavrou em mim a calma. Agora, sempre que recolho alguém,

é prò Saldanha, sachavor

imagino, sobreposto ao mapa de Lisboa, o desenho anatomicamente perfeito da minha Rita e decalco as coordenadas topográficas no corpo dela, que vejo rebatido assim que fecho os olhos,

os pés nos Olivais e no Parque das Nações, os cabelos em Algés, os dedos da mão direita no Cais do Sodré, a fazerem ondinhas no Tejo e a revirarem os cacilheiros cheios de funcionários da dívida

e repito, numa linguagem absolutamente privada

a meio da aorta femural e da virilha, certo, olhe que esse tendão não tem saída

a que as pessoas raramente respondem, distraídas com os seus telemóveis, fingindo não compreender com a mesma tranquilidade com a qual finjo ouvi-los, mas eu sei que alguém, um dia destes, me vai pedir para ir até ao coração,

nas minhas contas, algures entre o Aqueduto das Águas Livres e as Amoreiras

e lá vou de certeza encontrar a válvula mitral e tactear-lhe a extensão do defeito, e talvez com os meus olhos e com as minhas mãos, arranjar tudo muito bem, tudo muito bem para sempre, não é, Rita?





À MEDIDA QUE FOMOS
RECUPERANDO A MÃE



Nos primeiros tempos depois da morte da mãe, cá em casa não se podia rir, correr, ver televisão ou mesmo comer. Estávamos obrigados, pela omnipresente tristeza do pai

que não saía do quarto, da cama, encharcando almofadas até dormir sobre um lago de lágrimas a sofrer num registo de penitência, de cilício à volta da anca, até ficarmos todos e em simultâneo muito magros e mal-encarados e sermos incapazes de fazer as coisas da escola, porque o cérebro, aflito de combustível, já só dava conta dos processos básicos pelos quais as pessoas mantêm a vida, o que não é, de todo, o caso da educação.

Quando o meu irmão de treze anos desmaiou no pátio, alguém, no conselho directivo, deduziu acertadamente ser hora de intervir num luto que, de prolongado, ameaçava proliferar, fazendo outras vítimas. Os professores de Física e de Religião e Moral vieram cá a casa e o meu pai, levantando-se a muito custo da cama

a primeira reacção foi despedi-los com a ponta dos dedos, não quero ver ninguém, sussurrava por detrás de uma almofada que o protegia da luz parda do candeeiro recebeu-os à porta, desgrenhado e sujo, as pálpebras tombadas num desânimo de halterofilistas que nunca chegam a passar do meio do arremesso, as calças de pijama presas pelas tenazes dos dedos a tentarem continuamente sair-lhe do corpo, de escanzelado que estava, e a voz

o meu pai tinha uma voz que me fazia estremecer de alegria por dentro, assim como o fazia o cheiro a cerveja no hálito dele quando me dava um beijinho rudimentar de boas noites ou o odor a cigarro nas pontas dos seus dedos quando estes me alisavam a bochecha vincada de um sorriso

a rastejar sem energia a subida olímpica pela traqueia, cuja função, nos últimos dias, era apenas a de se ocupar de ver distribuída a saliva que acompanhava em baixo registo a produção contínua de lágrimas: posso ajudá-los?

E eles explicavam a preocupação que alastrava pela escola e da qual eles eram porta-vozes igualmente apreensivos, porque quatro crianças sem o adequado cuidar de um adulto facilmente acabavam por passar necessidades e

céus, nem eu nem o Professor Vítor queríamos expor isto assim de chofre

é até possível virem a considerar que só o submundo do crime, das drogas e da violência gratuita, com as suas recompensas ilusórias de riqueza e felicidade, lhes pudesse prover o que a família, em casa, não conseguia nem detectar como necessidade e o que a escola, na parca competência da sua alçada, não pode remediar senão pela caridade, percebe, Sr. Silva, a raiz dupla do problema, continuava o físico, desfiando o resto do discurso no registo próprio de quem come e arrota algoritmos, transformando o mundo de todos os dias num alegoria de *rally-paper* a ser cumprido com pontualidade kantiana.



O meu pai, deixando de os ouvir ou de lhes dar importância e mirando num registo de telescópio a casa transformando-se, na sua ausência, num pardieiro ocupado por adolescentes pré-púberes e crianças acabadas de sair do colo e das fraldas, dava conta, numa epifania doméstica pela qual agradecia a deus o facto de estarmos todos vivos e se culpava por termos chegado àquele ponto de degradação, de que não podia continuar deitado à espera que a carroça da morte passasse de novo ou desse meia-volta e de lá trouxesse a mãe, lívida na chegada até ele a cobrir de beijos e de calor, como cuidou de fazer incessantemente até lha tirarem dos braços para finalmente a terra recebê-la.

Vou tratar de tudo, interrompeu o meu pai, vou tratar de tudo, obrigado por terem cá vindo e à medida que articulava sílaba atrás de sílaba, numa toada de quem recupera de um avecê, ia fechando a porta sobre os dois professores que, do outro lado, diziam os últimos obrigados e tenha cuidado com os quais se despediam de

uma tarefa decerto desagradável para ambos.

Depressa o meu pai recolheu à cama e à tristeza, abandonando a resolução energética advinda da contemplação do nosso estado. Deitou-se sob as mantas e ali carpiu outra noite e outro dia inteiros, até que nós, regressados da escola, decidimos

na verdade, eu e o meu irmão, que tínhamos doze e treze respectivamente, visto os de quarto e três não contarem para aquele singular sufrágio

que aquilo tinha de ter um limite, e esse limite não podia ser a progressiva e aparentemente inevitável extinção de toda a família, e sentámo-nos a gizar um plano para o atrair para fora da cama e lhe enfiar, bucho abaixo, pelo menos um naco de pão torrado na tostadeira, que só eu possuía permissão para manusear. Arranjámos a mesa redonda da sala, forrámo-la de uma toalha em muito bom estado, normalmente reservada para os anos novos e baptizados, escura, numa clara subserviência ao clima que assentara ferros lá em casa e, como toque personalizado, pusemos um lugar a mais para a mãe, e ao lado do prato dela, onde também haveria de cair uma torrada que ninguém teria o direito de surripiar num momento de distracção colectiva, por respeito à memória e por vinculação convincente com a realidade recém-construída, a fotografia do casamento, tirada há uns bons quinze anos, em que ela exibia um sorriso que, embora parado e fixo no tempo, nos convocava sempre a mimetizá-lo, numa empatia magnética da qual por vezes já não dávamos conta.

Dissemos aos mais novos para arrancarem o pai da cama, independentemente de como ele reagisse. Era imperativo que ele se levantasse e comesse, não só para não o encontrarmos, mais dia menos dia, inerte como aqueles cães atravessando a estrada a correr na direcção dos faróis do carro e tombando finalmente numa valeta, de onde já só saem desfeitos com a vinda das primeiras chuvas, mas também para que a vida, perigosamente em suspenso por

cima de nós num assomo de chuva ácida, prosseguisse, a despeito de a morte lhe haver arrancado um bocado, talvez o bocado maior, talvez o bocado mais importante.

Quando o pai chegou à mesa pela mão dos manos, puxando-o como se do Natal se tratasse e ele estivesse obrigado a distribuir as prendas, começou por desfazer o arqueamento a que a fome e a tristeza lhe sujeitavam as costas e, pegando na moldura da mãe, muito reverente, levou-a ao peito e chorou, chorou, chorou, e aos poucos nós fomo-lo abraçando, também a chorar, e no fim éramos cinco corpos entretidos na resposta monofásica ao estímulo da morte em retrospectiva.

Nos dias seguintes repetimos os lugares na mesa e o destaque à mãe, por via da colocação em local visível para todos da moldura onde ela dormia, angelical. O pai já saía da cama mais vezes e por mais tempo e envolvia-se, inclusive, na preparação do jantar, a única refeição, à parte do pequeno-almoço de fuga, em que estávamos todos uns com os outros. Aos poucos fomos conseguindo que o pai readquirisse alguns hábitos salutareis – como comer ou vestir-se ou lavar-se, tudo ainda muito irregularmente feito – pelos quais aferíamos o seu grau de ancoragem à vida e ao seu carrossel incessante, e se havia dias menos bons, nos quais só com muito esforço conseguíamos tirá-lo da cama, após muitas lamentações e a chantagem de natureza espírita segundo a qual a mãe iria ficar chateada se o pai não comesse, havia outros que corriam bem, dias que eram como brisas de Primavera nas quais o sol, ainda escondido, já se pressente.

Um dia, à mesa, à hora de jantar, o mano mais velho rebentou a dizer umas piadas que ouvira lá na escola

porque aquela solenidade imposta agia em nós como uma mola dentro de uma caixa fechada, exigindo-nos atenção incessante e capacidade para não sorrir de absolutamente nada



e o pai, cabisbaixo e pouco cooperante com a função de comer, foi-se levantando, devagar, deixando a mesa aos convivas, incapazes, uma vez na vida, da obediência à tarefa de se debruçarem em contínuo sobre o âmago das suas próprias feridas, e o meu irmão, com a faceta de aluado que o meu pai reprimia com as mesmas intensidade e proporção que a minha mãe gabava e encorajava, quando viu o meu pai dobrar a esquina do corredor, desatou a imitar a minha mãe, a sua voz, o seu sotaque, a sua forma muito particular de fazer de qualquer final de frase um doce pronto a enroscar-se no lóbulo da orelha de quem a ouvisse, e nós ficámos aterrados, os manos mais novos e eu, porque o mano mais velho estava em nítida transgressão das mais elementares regras sub-reptícias que regiam o luto naquela casa e vimos o meu pai a voltar, primeiro tacteando as paredes, no pico da confusão

porque o meu irmão soa à minha mãe, soa tão bem à minha mãe que me dá logo um choro e só a custo o abafado e logo depois, apoiado sobre as costas da cadeira vazia, a sorrir um sorriso terno e inesperado, como já não se lhe via desde os dias do hospital, do internamento, da químia, da rádio, da operação pela qual lhe transformaram os peitos em duas cicatrizes com a feição de um par de sobrolhos zangados sobre o diafragma, e o meu irmão, de cuja testa pendiam umas gotas de suor, malgrado a temperatura amena, por saber do perigo de lidar com uma matéria-prima que manipulava sem lhe poder imprimir cadência de destino, continuava, dirigindo-se cada vez mais directa e frontalmente ao meu pai, pedindo para ele se sentar, para ele comer, para ele pôr aquela gaiatada em ordem, como era costume fazer quando a gente começava a gritar ou a brincar com a comida em pequenos trampolins de colher, e o meu pai sentava-se, ainda sorrindo, e fazia-nos, com o indicador na boca, o gesto para que nos calássemos e ouvíssemos a mãe, como ele, que a mãe tinha razão, tinha sempre razão.

Com o passar do tempo a gente habituou-se a ouvir o meu irmão fazer de minha mãe, especialmente ao jantar, quando o meu pai, regressado pela segunda vez ao trabalho

da primeira vez que voltou, fechou-se o dia inteiro na casa de banho e tiveram de chamar os bombeiros, dado nem conseguir abrir a porta

queria falar e queria, sobretudo, que lhe fizessem perguntas como só podem ser feitas na unidade cúmplice de um casal, e o meu irmão cuidava de as produzir em forma e conteúdo, magnificamente, e lá cavaqueavam os dois e nós assistíamos, como sempre, como dantes, e o meu irmão ao lado da fotografia da minha mãe, à mesa, parecia às vezes uma daquelas taradas a quem entram pessoas adentro para se lhes apossarem das cordas vocais e da capacidade de rotação vertical dos olhos.

À noite, quando o meu pai se ia deitar

o que perdera em fome ganhara em sono

eu e o mano ficávamos acordados a ver as telenovelas e os filmes europeus nos quais a vida dos casais, desde as coisas mais triviais às mais profundas, eram esmiuçadas, e tínhamos a sensação de que absorvendo e digerindo aquilo nos tornávamos mais capazes

sobretudo ele, que se esforçava sozinho ao espelho a repetir-se, no registo de quem se prepara para uma peça de perceber a importância dada pelos adultos às coisas de que nós apenas ao de leve sabemos existirem, e dia após dia o nosso vocabulário ia adquirindo tonalidades de gente grande, palavras que o meu irmão punha à prova pela boca da mãe ao ouvido do pai, dizendo umas coisas que aos mais pequenos dava para franzirem a testa de incompreensão e que ao meu pai, contrariamente, despertava o sorriso ou mesmo, quando o meu irmão, muito certo, chegava muito perto, a sonora gargalhada, contagiosa, porque o meu pai a rir era a única razão pela qual se dispensavam todas e quaisquer outras para nos fazer rir.



Um dia o meu pai chegou a casa e disse-me para não fazer o jantar, que ele tinha passado por uma churrasqueira e tinha trazido uns frangos e um par de garrafas de tinto, para comemorarmos. Numa felicidade só, desatei aos pulos e abracei-o, perguntando-lhe, enquanto ele me sustinha pela cintura, o que comemorávamos, afinal, visto a gente há tanto tempo não comemorar nada naquela casa, nem o final de trimestre muito aceitável de todos, na escola, para quem tinha passado por tanto em tão pouco tempo, e o meu pai disse-me ao ouvido, muito terno, que comemorávamos o aniversário da mãe, eu esquecida disso, assim como todos em casa, menos o meu pai, apesar de ainda há uma semana eles terem falado dos anos dela ao jantar.

O pai, nessa noite, pediu-nos, aos miúdos, como nos chamou, o obséquio de jantarmos na cozinha enquanto ele e o mano o fariam na sala, como um verdadeiro casal, porque nem sempre a gente podia ou devia interrompê-los, dizia, dado a cumplicidade não ser passível de construção entre convivas num estádio apinhado de gente, queixava-se, e ele e a mãe haveriam de jantar mais vezes sozinhos, e a isso nos teríamos de habituar, porque havia espaço para aqueles dois mundos, finalizava, ou não havia espaço para nenhum, compreenderam, terminava assim o pai aquela prelecção, interrogativamente, ao qual a gente respondia com a cabeça que sim, só porque estávamos, desde o início, aturdidos a abaná-la.

Não comi nada com medo de o meu irmão não ser capaz de se aguentar firme na pele da minha mãe durante tanto tempo sem que eu estivesse lá para lhe enfiar uma canelada ou lhe atirar um sorriso desdenhoso de reprovação, e só quando o vi sair da sala, ele primeiro, muito sorridente, e o meu pai logo a seguir, meio torto

ainda cheguei a pensar que o meu irmão lhe pudesse ter enfiado um sopapo por alguma coisa que o pai tivesse dito ou mesmo para tentar fugir

do vinho que bebera ao jantar e ao qual já não estava habituado, é que pude sentir algum alívio, e quando o meu irmão e ele entraram na cozinha tive a ilusão de estar a vê-los outra vez, ao meu pai e à minha mãe, depois de voltarem do teatro ou do cinema e de nos apanharem ainda a todos nós acordados, apesar das promessas que a *baby-sitter* fazia de que estaríamos a dormir, e que a gente se encarregava de espatifar ao pedirmos copos de água, histórias e xixi até os pais chegarem, cansados e felizes, e partilharmos isso todos juntos, o cansaço e a felicidade.

Os jantares de casal instituíram-se lá em casa e já aconteciam pelo menos uma vez por mês, altura em que nós, os miúdos, comíamos na cozinha umas pizzas que o meu pai trazia ou, na pior das hipóteses, uma massa com atum desenrascada à última hora, quando ele não tinha tido tempo ou paciência para passar pela pizaria, e eles comiam na sala e ouviam-se os risos de ambos e o tilintar dos talheres nos pratos, à cata das iguarias de que só sentíamos, e ao longe, o cheiro.

Com o tempo, o meu irmão começou a ficar cada vez mais autoritário e intransigente. Mandava-nos vestir, despir, lavar os dentes ou fazer trabalhos de casa e já nem cuidava de o fazer na voz própria dele mas sempre na da mãe, que se perpetuava até entrar na escola e, contrariado, ter de fazer de miúdo de treze anos para miúdos de treze anos, uma e outra vez. Às vezes apanhava-o no intervalo de uma aula e obrigava-o a pedir-me desculpas por me ter tratado mal na noite anterior ou por não falar mais comigo como dantes, quando éramos só irmãos, e ele lá me ia lambendo as feridas para não me ver triste ou apenas para eu me calar, nunca perceberei exactamente porquê, e mais um dia se passava e a minha família multiconfigurada, era uma coisa de dia e outra de noite e ninguém parecia conseguir fixar um registo de identidades que, no decurso do tempo, fossem única e apenas aborrecidamente iguais.



Quando nos começávamos a habituar a uma coisa, fosse aos jantares a dois ou às diatribes do meu irmão, acontecia uma mudança qualquer pela qual tínhamos de voltar a pôr em foco todos os planos para o futuro. Certa noite, o pai, readquirindo progressivamente hábitos que havia largado aquando da morte da mãe, começou a discutir com o meu irmão, o meu pai que já bebera mais do que a conta, a gritar-lhe que estava farto de estar em casa sempre fechado, como um animal ou um incivilizado, ele não tinha peste, nem ele nem ela, repetia, e nós, calados sobre os pratos, apenas podíamos aceder a um olhar de circunstância pelo qual o víamos a emborcar, entre gritos, os copos de vinho sucedendo-se, e o meu irmão, munido de uma certa forma feminina de ignorá-lo, apenas lhe aconselhava calma, pelo menos em frente aos miúdos, repetia, pelo menos por respeito a eles.

As noites seguintes foram de aparente e relativo sossego. O estado de zanga entre eles tinha-se instalado de tal forma que o jantar, normalmente passado em registo de conversa pela qual se punha em dia o presente construído fora dali, era novamente um momento solene pelo qual nos encarregávamos de mostrar ao criador o peso do tédio nas nossas existências. Foi só quando, numa noite inspirada, o meu irmão surgiu à mesa com uma peruca loira, tal qual o cabelo da mãe, que o meu pai, atordoado com o imprevisto do acontecimento, decidiu, por meio da evocação de uma sonora gargalhada, seguida de um carinho na peruca farta do meu irmão, dissipar o clima de nervos e decretar o fim do recolher obrigatório a que o riso havia estado submetido. A vida familiar decorreu normalmente durante o segundo trimestre escolar. De dia cuidávamos de ser apenas os sobreviventes cada vez mais maduros do desastre de perder a mãe e de noite reinventávamo-nos, especialmente o meu pai e o meu irmão, e naqueles papéis vivíamos duas vidas distintas, hermeticamente seladas, como personagens em

trânsito entre papéis e peças. O meu irmão não conseguia evitar uma cada vez maior distância em relação a nós, “os miúdos”, porque a nossa presença reforçava, por contraste, a natureza falha da personagem que ele se entretinha a aprimorar de dia para dia, afastando-se cada vez mais de ser meu irmão e aproximando-se cada vez mais de ser a minha mãe, transversalmente regressada, a quem eu já me surpreendia a fazer pedidos de roupa, para ele os repetir ao meu pai, ou aquilo que queria para os anos, como fazia dantes, com ela.

Um dia o meu pai, novamente bêbedo

um hábito que ele andava a reaprender com demasiada frequência

chamou-nos à sala, arrastando-nos pelos braços com inaudito vigor, andem cá, repetia, andem cá, meus mandriões, vamos fazer-vos uma surpresa, e pouco mais dizia, também porque o álcool não lhe despertava propriamente a diversidade lexical e nós, semiassustados com a intensidade da presença física do meu pai naquele estado, lá o seguíamos, eu a sossegar os mais novos, agarrando-se um ao outro e a mim, e quando chegámos à sala, o meu pai, muito solene

meninos, dêem as boas-vindas à vossa mãe e lá estava o que percebi a custo ser, só algum tempo depois, o meu irmão, vestido de mulher, vestido como a minha mãe se vestia, uma saia e uma camisa com uns folhos brancos, muito penteado e muito maquilhado, o meu irmão livre dos pêlos nas pernas de que se gabava ainda há menos de dois meses e o meu pai ladeando-o como se o apresentasse pela primeira vez à família e os miúdos a desatarem num pranto apenas para catalisarem com isso a explosão de fúria do meu pai, que vociferava: fora, rua, nem a vossa mãe sabem receber, que vergonha, e eu dava as mãos aos miúdos e enquanto saímos da sala, apressadamente, ouvíamos o meu irmão



na voz cada vez mais impecável da minha mãe calma, querido, a culpa não é deles, dá-lhes tempo, hão-de perceber e aceitar, dá-lhes tempo, dizia o meu irmão, e o meu pai calava-se e a gente deixava de os ouvir, até que ambos, a gente nem sabe bem porquê, rebentavam do quarto numa gargalhada.



O ABYSMO TAMBÉM OLHA LONGAMENTE PARA TI

PARA O ANTÔNIO CABRITA



*Temos um poço no quintal,
Para onde atiramos quem nos faz mal
O nosso poço tem boca de vulcão
A nossa água dentes de cão
Se caíres no poço diz adeus a quem amas
Porque o nosso poço tem fundo de chamas*

Não me lembro de quando a mãe trocou a cantilena do pinheiro-que-crescia-sozinho-e-forte por esta. Talvez eu estivesse com febre, mais uma vez, e ela, desesperada com o meu estado de saúde

os meus pais falavam de mim num código geográfico pelo qual me situavam entre espaços: está mais para cá, mais para lá, como o vês, referências cifradas que pude somente compreender bastante mais tarde, quando percebi o cá e o lá como apenas uma forma mais de dizer vida e morte

e esgotada do seu repertório infantil, fosse inventando, à medida que ambos entrávamos já muito a destempo no sono, palavras para encher as aljavas das colcheias, inteligibilidade, tanta quanto possível, para sobrepor àquela estrutura melódica e repetitiva o salvo-conduto que me levaria ao sono e me faria regressar dele.

Durante muito tempo foi esta canção a tomar-me várias vezes por dia as rédeas da consciência, e a minha mãe, quando me via de repente estancado na resolução de um problema básico de matemática, olhos postos num ponto muito para além dos limites físicos do quarto

que estás a pensar, menino

e eu seguindo a voz dela a custo voltava, sacudindo a cabeça desta caspa de palavras, até readquirir o gesto brando do sorriso e lhe dizer, guloso de mimo

em ti, mamã, estava a pensar em ti.

Tomávamo-nos de abraços, para desespero do meu pai, que, em passando pela porta, resmungava

hás-de estragá-lo com mimos, mulher, e depois será tarde para te queixares o meu pai, o urso espinhoso, grande e forte como as mais altas árvores da floresta, capaz naquela altura de trazer debaixo dos braços, pelo pescoço das raízes, dois grandes pinheiros aos quais ele tivesse reconhecido a capacidade de nos manter quentes e vivos durante o infindável rigor do Inverno. Só mais tarde dei por mim a compreender a razão pela qual chorava de cada vez que tinha de entrar, por qualquer motivo, numa floresta, só mais tarde percebi que o meu pai arrancava as árvores à vida com a mesma naturalidade de quem puxa pela pinça um pêlo encravado, e durante muito tempo desenhei somente árvores, na tentativa de perdoar o meu pai e de as fazer renascer pelo mesmo acto, fixando-as para sempre no papel, e só mais tarde percebi, talvez tarde demais, que a arte não redime a vida.



Dada a minha saúde tão frágil, a mãe raramente me permitia sair do quarto. Quando acontecia passar mais de uma semana sem um ataque de tosse ou um pico de febre, lá me deixava comer na sala com eles, privilégio interrompido logo que a minha temperatura aumentava até me ocupar o corpo todo e logo logo a cabeça, e num repente eu desatava a dizer disparates, a cantar, com os olhos marejados de febre, a canção do poço que comia as pessoas com a sua língua de fogo, e o meu pai, apenas trocando a tristeza de um olhar com a minha mãe, levava-me em braços para a cama

frágil pinheiro doente de quem a vida só se pode ocupar amiúde

e saía porta fora para ir buscar o médico mais o seu caleidoscópio de frasquinhos, os quais eram entregues à minha mãe com a recomendação de não falhar horas ou doses e de avisá-lo acaso a coisa não se comesse a compor ao fim de três dias. Durante muito tempo achei que os brinquedos de todas as crianças eram os frasquinhos vazios

que a minha mãe lavava como se fossem apenas loiça.
A imagem do poço carnívoro continuou a perseguir-me pela infância. Talvez por estar absolutamente interdito de ir ao quintal, onde tínhamos acorrentado um cão do inferno, o Nero, mais o seu ladrar ininterrupto

e era aproximar-me da saída para a rua para ele me rechaçar em vagas de medo imenso, nascidas na sombra dos seus latidos

nunca pude confirmar a existência do nosso vulcão doméstico, nunca lhe vi o olho de fogo nem ele me viu a mim, como anos depois soube que podia acontecer, ao ler, muito espantado, numa página de Nietzsche sobre os abismos, que os olhamos na inocência de desconhecer que eles nos devolvem a mirada, e tenho para mim até agora nem ser necessário haver poços de fogo ou abismos especulares para matar nas crianças uma boa parte de um coração outrora sadio. As histórias contadas pelas mães são mais fundas e mais quentes do que qualquer realidade a que correspondam. E eu, como Nietzsche, sabia disso.

Quando sucedia recebermos convidados e eu estar doente, dava por mim a contar as vozes que me chegavam pelo soalho do quarto e a desejar-lhes bom regresso. Ajoelhava-me na cama e rezava por eles

deus, perdoa-os e aos meus pais, traz a paz a esta casa e deixa-nos todos, pela grandeza da tua misericórdia, viver apenas mais um dia

porque tinha como certo que os meus pais, depois de muita bebida e de muito riso hipnótico, os levariam para o quintal sob pretexto de lhes mostrar as macieiras de onde pendiam generosas algumas maçãs serôdias, apenas para o meu pai, aproveitando-se das suas distrações de turistas, os arrancar como pinheiros indefesos e os atirar para dentro do poço, onde, primeiro consumidos pela dúvida e logo pelo fogo, lhes desabaria para sempre e por cima uma pesada chuva de latidos.

Passava horas no quarto, sozinho, a desenhar aquele olho de fogo. Quando sentia a minha mãe a garimpar escadas acima pegava nos rabiscos e escondia tudo por baixo do colchão. Ensaiaava um sorriso e recebia-a com um abraço contraído, fazendo fé em que ela não desse conta dos tremores que eu a custo tentava manter íntimos e anónimos. Se ela alguma vez desconfiou da minha desconfiança, nunca mo disse. Só muito mais tarde descobri que os monstros debaixo do colchão eram uma metáfora e que os monstros debaixo do soaço eram uma paranóia. Sozinho só se pode ter medos pré-conceptuais. Viver tornou-se-me insuportável. Desejava apenas ser colhido por um sarampo fulminante e que um anjo de visão justa me resgatasse a alma antes que os meus pais me entregassem o corpo ao poço. Imaginava-me a subir céu afora, o vento na cara, o frio cada vez mais frio, até chegar junto de deus, já declinado num cristal de gelo eterno, a resplandecer nas minhas articulações de diamante o brilho das estrelas, às quais eu invejava silenciosamente a tranquilidade de conseguir arder em paz.

Crescer assim decuplicou o sofrimento de que mais tarde ouvi os meus contemporâneos queixarem-se quando falavam da puberdade e da adolescência, e desse caminho incerto de sermos todos arbustos incapazes de prever a derrama do sol na copa ou a lotaria de acabarmos cerceados pela perícia de um lenhador. Aos meus cabelos nas pernas, a multiplicarem-se numa incerteza errática de plumagem tardia, não prestei atenção nem devotei entusiasmo. Eram todos eles pequenos e frágeis – como eu –, sobretudo em comparação com os do meu pai, verdadeiro sonho de taxidermista, um pinheiro circum-navegável de mar felpudo sem fim à vista.

O meu corpo, hipoteca diariamente renovada da morte, multiplicava-se de novidades. Para além do crescimento ao modo da distensão por roda dentada na tortura medieval, eram as mãos a perderem um sem número de



vezes a geografia de Braille pela qual chegam do nariz aos tornozelos, num movimento cego mas preciso, e os olhos, céus, os olhos a minguaem progressivamente numa cara cada vez mais oblonga e enxuta de sonhos, só a doença sempre ali, à espreita, tintura indelével ora exprimindo-se na cor da pele ora habitando o hálito matinal do cheiro a morte em ponto de caramelo, e toda a atenção que o meu corpo requisitava no seu projecto de crisálida se voltava para os acontecimentos moleculares da doença: a tosse, uma febre inesperada depois do banho, aquela dor nas pernas a tolher a coragem de subir as escadas

pai, ajuda-me, que eu não tenho como e o velho urso, solícito, a elevar-me do chão enquanto a palavra fraco lhe passa rente à boca sem nunca a dizer: fraco, não serves para nada, nem para comer, pobre criatura dos trópicos avessa ao sol rarefeito, carrego-te todas as noites como se te levasse para a cama de pinho onde hás-de retomar esse sono injustamente interrompido pela necessidade que Deus tem de salpicar de carne um mundo no qual, um dia, os rios serão mais sangue do que água.

A única coisa capaz de interromper a correria dissonante da minha alma dupla eram as erecções, cada vez mais frequentes, despontando aqui e ali quando a doença se cansava de fazer sombra, correlatas daquele olho de fogo circular, no qual, para além de ver uma língua de chamas a galgar as paredes do poço, eu via, agora e talvez para sempre

nunca tive a necessidade, ou a coragem, de contar isto a quem soubesse ler as entranhas dos bichos ou os sonhos das pessoas, e conheci muitos a saber uma ou ambas essas artes

um cu, onde cabia o exercício do meu desejo, e logo descobri que nunca seria de mamas nem de vaginas, nem mesmo quando, já adulto, as cortesãs deixavam cair, numa subtileza de jumento, o último vestígio de roupa, acto de que surgia, sem qualquer tipo de surpresa ou de espanto,

a figura feminina, para a qual era costume os atoleimados
dirigirem-se a correr, numa procissão de mariposas, e eu
só lhes dizia, malgrado o ensejo com que davam volteios
às mamas

volta-te, dobra-te
e quando lhes entrevia o poço do cu
afasta-me mais essas nádegas
erguia-se-me uma vontade de as trespassar até eu todo
acabar lá dentro, aconchegado, a salivar sobre uma almofada
de chamus, e durante aquele coito de olhos fechados,

vira-te, não te quero ver
eu cantava baixinho a canção do poço e aquelas pobres
mulheres, sem terem noção, ajudavam-me a desatar o
garrote que estancara a minha infância, exorcizavam-me a
doença e devolviam-me temporariamente as cores da vida,
e eu, finda a coisa, atirava-lhes umas notas para cima da
cama e saía do quarto, sem me lembrar, na maior parte das
vezes, como eram de frente.

Enquanto não soube da carne mais do que da minha,
entretive-me a esconjurar a morte com o sexo, mesmo
que na solidão do quarto e sempre com os olhos postos
na fechadura e nos meus desenhos do olho de fogo,
multiplicando-se pelas paredes como *pinups* unicelulares,
os ouvidos atentos às escadas pelas quais a minha mãe subia,
por vezes descalça, como se soubesse do acordar do meu
corpo e quisesse testemunhar em silêncio o regresso, ainda
que imprevisto e a espaços, do viço que reduzia a escombros
o luto de ginásio do qual os meus pais não se davam livres.
À medida que a doença deixou de me querer namorar, os
meus pais

meus e maus são a raiz bicéfala de toda a tristeza,
disse-me um dia um homem já velho de sábio
foram convergindo num silêncio de casal, na tentativa de
me traçarem a possibilidade de um futuro. Sempre que os
ouvia, já à mesa, falarem da hipótese de me inscreverem



num colégio não muito longe, onde eu poderia ter contacto com
miúdos da minha idade e aprender uma profissão

o que te apetecer, frisava a minha mãe,
que a gente só te quer saber feliz

via naquilo apenas mais uma encenação piedosa pela qual
se devolve ao condenado a esperança efémera de que o
inevitável pode, afinal, deixar-se domar como um cavalo.

Quando chegou o dia de nos despedirmos na estação de
comboios, eu ainda aturdido pelo espectro de um volte-

-face, a minha mãe lavada em lágrimas e o meu pai-urso
a fungar pelo nariz – que era a sua maneira muito própria

de exprimir o choro – desabei eu também num pranto.

Chorámos, eu e eles, por razões obviamente diferentes,
que é porventura a única vantagem do choro sobre o riso.

A minha mãe perguntou-me, já eu tinha o pé assente no
degrau da carruagem

Adolf, já pensaste no que queres ser

artista, mãe, pintor

e o comboio arrancou para sempre.



QUANDO O PAI COMEÇOU A METER AR

PARA O PAULO JOSÉ MIRANDA



O pai bebia muito, toda a gente o sabia, e quando se decidiu a ir ao médico fazer umas análises

é rotina, mulher, é só para ver se tens de cortar no sal

porque se andava a sentir enfartado de uma forma estranha, como se, nas palavras dele, andasse a respirar para o estômago, a minha mãe e a minha tia, arregimentadas à volta de um prato de bolachas moles, de um resto de Porto azedo e dos segredos que cada uma trazia para a mesa como frutas para dentro de cestos, começaram logo a suspeitar do pior, até porque os casos de cirrose na família eram tantos como os casos de homens na família, e se uns já tinham partido e outros estavam em curso de partir, o meu pai, com apenas cinquenta e dois anos, era já, para os olhares clínicos da minha mãe e da minha tia, uma caveira frágil e brilhante a encimar uma dúzia de órgãos desgastados até ao ponto de não terem remendo ou substituição possível, e elas, sabendo da visita do pai ao médico e do secretismo que a rodeava

o meu pai era como o elefante nas histórias de África, caminhando sozinho até ao sítio secreto onde a terra lhe iria receber os ossos e conservar virgem o marfim traçaram-lhe à mesa o destino provável e as medidas do caixão.

O médico, quando chamou o meu pai para a tarologia da colheita de sangue, foi como se lhe tivesse comunicado que tinha uma força tensa à espera de lhe dar um abraço ao pescoço, e o meu pai, triste como uma névoa, lá foi, num registo vácuo de condenado, as suas grandes costas arqueadas com aquele peso inesperado em cima, impreparado, apesar do passo trôpego de quem já embuchara uns bagaços, para a manhã ou para uma conversa, mesmo daquelas em que lhe era apenas exigido um silêncio atento.

Em casa, a minha mãe cozinhava um arroz de pato descoberto numa arqueologia de congelador, uma coisa extirpada ao glaciário doméstico com recurso a uma chave de fendas, através da qual ela picava e extraía bocados grandes de gelo, operação da qual, por vezes, assomava, baço como um fantasma, um carapau jurássico de que já não se sabia a origem cronológica. Em cima da mesa, adornada com a melhor toalha que tínhamos, usada apenas no Natal, na Páscoa e em pontuais festas de aniversário em que um de nós casava os anos com o dia de aniversário ou desenhava uma bonita capicua, repousava, aberta, uma garrafa de vinho certamente mais cara do que habitual

até porque o habitual era um singelo pacote de cartão, daqueles que se trazem aos pares por uma moeda de euro e que ficam sangrando daquele bico de pássaro que se arranca à dentada pela cabeça da caixa, quando as mãos já não conseguem cumprir a tarefa com firmeza, até se findarem num gorgolejar desajeitado que acaba por alagar ou alargar a mancha rubra que se distende no sítio onde o meu pai se senta sempre e que a minha mãe, já há muito tempo, deixou de tentar lavar ou remediar, para mal da sua neurose de doméstica

e umas torradinhas que o meu irmão dispôs, manhã fora, pelos pratos de *pírex* laranja, num formato de pequenas pirâmides, ladeadas por bocados informes de patê de sardinha e por guardanapos vermelhos, completando assim o contexto festivo de que a gente não adivinhava causa ou motivo.

Quando o pai chegou estávamos todos já à volta da mesa, semiembonecados com umas roupas de pouco uso que a minha mãe estendera por cima das nossas camas, de madrugada, e fomos avisados, eu e o meu irmão, de que devíamos recebê-lo e tratá-lo com o contentamento e a cordialidade normalmente ofertados por ele, a cada um de nós, em proporcionalidade inversa, sobretudo quando os níveis de álcool no corpo não lhe chegavam ao músculo do sorriso.



A minha mãe brindou-o com um inesperado beijo na cara e, com os olhos, enviou-nos de encontro às suas pernas, onde ele nos aceitou com um abraço tão vivo como imprevisto, e lá ficámos, durante incontáveis segundos, descombinadamente a fazer de conta que aquilo

o carinho, o magnetismo unipolar pelo qual se unem criaturas que partilham genes e afecto na mesma proporção

era o normal, a moeda comum pela qual o sentido de um bom-dia ou de um até logo se deixava encasacar pelo capote impermeável do amor.

Comemos em silêncio, e eu e o meu irmão, muito sorridentes com a aparição inesperada de todos aqueles acepipes, tragados em doses muito pouco homeopáticas, enquanto a minha mãe

mirando fixamente o arroz, no qual desenhava um rudimentar jardim japonês com a forquilha do garfo não calhava a olhar para a gente, reprovando aquele comportamento de náufragos através de um olhar de esguelha e de um encolher de ombro, pelos quais, magicamente, nos cerceava rente a fome.

O meu pai, de quem a minha mãe esperava o anúncio de um apocalipse unipessoal, repetia e repetia a dose, sobretudo do vinho, que diferia, olímpicamente, daquele a que estava habituado e, com o garfo a fazer movimentos incessantes de grua do prato à boca, as coisas iam desaparecendo da mesa, e os sorrisos protocolares de ainda há pouco eram progressivamente substituídos pelos seus equivalentes genuínos, e nem a minha mãe, que continuava a debicar pudicamente os restos da sua quinta de arroz, conseguia evitar sentir um certo orgulho por ter reunido, no limite das suas forças e competências, um manjar capaz de trazer uma inusitada alegria àquela casa, na qual, normalmente, só se conjugava, e no presente, o verbo sobreviver.

Então e coisa das análises, atirava a minha mãe da cozinha enquanto se preparava para nos trazer a sua versão de pudim de ovos sem ovos, e o meu pai, concentrado em rodar com os dedos o último copo da última garrafa de vinho, respondia-lhe apenas, laconicamente, que estava tudo bem, o médico até lhe dissera para não se preocupar porque os valores dele, nas palavras do doutor, nem pareciam de português, tal a qualidade da leitura dos seus triglicéridos e de outros coisões do género que quanto menos melhor, e assunto encerrado, finalizava, porque uma consulta de vinte em vinte anos é suficiente e ideal e não quero, dizia, prolongá-la à mesa, ainda por cima depois de tão farta e louvável refeição.

A minha mãe não sabia se devia alegrar-se ou entristecer. Não estava preparada, nunca esteve, para as boas notícias, e quando regressou da cozinha, vinha-lhe o tabuleiro dos pudins a tremer das mãos, e só depois de ela o pousar convenientemente na mesa, a salvo de uma queda previsível, é que pudemos acreditar que iríamos mesmo comer uma sobremesa naquele dia. A minha mãe, de repente alheia à felicidade gastronómica para a qual era a substancial contribuidora,



mas isso quer dizer o quê, Henrique, se tu te queixas todos os dias de que te dói o estômago e dizes sentir-te cheio como um balão, se calhar devias ir a outro médico, um que soubesse interpretar as análises como deve ser, porque tu estás doente, insistia, isso vê-se à distância, incharam-te os tornozelos e as pernas, já para não falar da barriga, parece uma daquelas panças dos miúdos africanos impados de fome, e o meu pai, é da cerveja Marta, é da cerveja, como tu sabes, com isso a gente não tem que se preocupar, nem por doença, nem pela beleza, porque com a minha idade, e tapem os ouvidos, meninos, apontando-nos o cabo da faca, porque com a minha idade os homens ou são barrigudos ou são paneleiros, Marta, e tu tens de

saber o que preferes ter em casa, se é que me entendes, e eu acho que me entendes, Marta, e a conversa acabava ali, pelo menos aparentemente, com o meu irmão e eu a disputar o pudim que jazia perdido defronte da minha mãe, enjoadinha como uma adolescente.

Nos dias seguintes, o meu pai, a despeito da ausência de diagnóstico e da qualidade sideral das suas análises, começou a engordar, sem que nada na ementa familiar ou na complementação alcoólica com a qual ele se automedicava – para aquela sensação resultante da discrepância cavalgar entre a vida como era e como deveria ser – tivesse mudado por aí além, de tal modo que até ele, normalmente à vontade com as dismorfias do corpo por cortesia da idade

que lhe esborrachavam as formas originais como as crianças desfazem, numa fúria de anarquistas, os bonecos de plasticina, nos quais encontram vincadas referências à realidade

se começava a preocupar, porque as roupas de repente não lhe cabiam e porque era cada vez mais difícil levantar-se do sofá ou das cadeiras em que se afundava num abandono de âncora. Eu e o meu irmão ladeávamo-lo, e ele, apoiado nos nossos ombros, juntava toda a força e tentava subir-nos corpo acima, arfando como se estivesse a erguer um cofre, e a minha mãe, que vinha da cozinha com um copo de vinho a pedido, ficava-se, a olhar, por momentos, e depois voltava para trás e ao fim de algum tempo e de o meu pai, finalmente regressado à verticalidade, cambalear até ao quarto, ligava à irmã, da cozinha, e as duas quedavam-se uma boa hora e meia ao telemóvel, a minha mãe a teimar com a minha tia que o meu pai inchava, inchava, o fígado dera de si, insistia, e o vinho, em vez de receber o toque do milagre da declinação em mijo, arranjava formas de se alojar na barriga e nas pernas, sobretudo, convertendo o Henrique, afiançava a minha mãe à minha tia, num involuntário e imprestável entreposto de bebidas ao qual

faltava a saída. E que vou eu fazer com isto, chorava longamente, se ele nem sequer admite estar doente, se ele esconde as análises a afiança que está tudo bem quando já as calças mais desafogadas não lhe recebem as pernas e todos os serões se convertem num exercício repetitivo e inútil de lhe ajeitar a roupa, mais larga que de manhã, de manhã apenas, diz-me tu se isto não é provação, já não lhe serve, e para ele sair de casa tenho de lhe abrir ainda mais o cós das calças e costurar-lhe uns elásticos suplementares, invisíveis apenas por causa daquela samarra de tamanho tenda com a qual ele se tapa da cabeça aos pés, mas nem isso é previsível que aguente mais do que duas semanas, a este ritmo, vê tu bem, mana, vê tu bem.

O tempo foi passando e o meu pai inchando, para desespero crescente da minha mãe, que já desistira de lhe remendar a roupa, e do meu próprio pai, incapaz de se erguer do colchão mesmo com a nossa ajuda conjunta, acamado como uma morsa doente, o meu pai que pedia de cinco em cinco minutos um copo de vinho em que pudesse esconder a vergonha e a mágoa, e eu e o mano ocupávamo-nos de lho levar, para ele o beber com a ajuda de um funil, sorvendo-o como a terra em África acolhe as primeiras chuvas, de comida nem queria ouvir falar, mesmo quando a minha mãe, entrando de rompante com uma sopa de cozido, lhe pespegava uma colher à frente e o ameaçava de deixar de lhe comprar bebida se ele se recusasse a comer.

Os médicos que a minha mãe convencia por caridade a vê-lo eram unânimes em dizer, depois de vistas e revistas as análises, que nada daquilo que acontecia podia ser imputado ao fígado, aos rins ou mesmo às putas das bactérias refugiando-se às vezes por debaixo dos nenúfares dos glóbulos brancos para passarem incertas e protegidas, aquilo era outra coisa, diziam, de outra ordem física, e eles, habituados a lidar com certezas e com o conforto moral de um diagnóstico



e certamente impedidos de se esforçarem mais, dadas as condições em que a minha mãe contratava os seus serviços

fechavam a mala de couro e, à saída, depois de cumpridas as formalidades dos bacalhaus que até a mim e ao meu irmão faziam questão de dispensar, diziam à minha mãe, com os olhos postos no chão ou nas manchas de humidade populando o tecto num padrão meteorológico,

é assim a vida, a gente nem sempre consegue explicar tudo e na verdade até pode ser uma coisa passageira, porque ele nem ganhou peso, veja lá, se calhar é só ar, um enfartamento estranho do qual a gente não adivinha a razão, e amanhã mesmo, depois de bem arrotado e peidado, pode ser que volte ao normal e lhe apareça na cozinha, faminto como um galgo, a pedir uma torrada e um copo de três, não seria inédito, garantiam, porque a medicina está a sempre a evoluir, minha senhora, pela aprendizagem e pela incorporação de novos casos, pela aprendizagem, e diziam aquilo num registo de liturgia apenas abrandado quando, cruzada a porta, desciam apressadamente as escadas para a rua.

Um dia acordámos com os berros da minha mãe, aos quais se seguiram, quase em simultâneo, os do meu pai, e fomos correndo, eu e o meu irmão, para o quarto de casal, onde demos com a mãe, transida, a apontar para o tecto, onde o pai, como um balão solitário de fim de festa, se remexia numa agitação de molusco fora de água, as suas mãos inchadas e imprestáveis a tentarem, em vão, fazer do tecto um ponto de apoio pelo qual a gravidade retomasse o seu curso natural, e todos nós, pancos da surpresa de o ver colado ali, no local onde costumávamos divisar nas manchas de fungos dragões e ovelhas em competição pela vida, rapidamente a subir a cama para o fazer descer, num esforço tão vão como inglório, ele incessantemente a carpir à mágoa de ter passado do peso à leveza sem cruzar

a portagem da normalidade, e a gente a tentar puxar aquela nuvem chuvosa para junto do chão, onde o pudéssemos agarrar pela cintura enorme para levá-lo, talvez para a sala, e, com uma agulha ou um prego, tentar restituir-lhe a glória merecida do soalho.

Os familiares, pouco a pouco, foram sendo chamados para contribuir com o possível para a resolução do problema, mas eram unânimes em salientar a singularidade do caso em mãos, mesmo o tio Esticão, veterano do ultramar na função de matar pretos desobedientes e convicto de já ter visto de tudo na vida, ficara boquiaberto a olhar para o tecto, enquanto o meu pai, parcialmente refeito das agruras da falta de peso, lhe gritava

ó Esticão, dá cá um salto e leva-me para baixo, que do tecto ao caixão é o arder dum facho

e o meu tio, aguilhoado no órgão do orgulho, metia-se em cima da cama e pulava até lhe alcançar por vezes o cinto, sem no entanto conseguir trazê-lo para junto de nós e o meu pai ria, ria freneticamente, para desgosto da minha mãe que se esgueirava, numa tristeza de morte, para fora do quarto, com um lenço de papel a comprimir-lhe a bochecha molhada.

Subindo num escadote, conseguiram prender-lhe um cordel ao cinto e, com isso, arrastá-lo para fora do quarto.

A boa notícia é que o meu pai, mesmo passadas duas semanas da sua involuntária ascensão, não inchava mais; era aquele balão de feira suspenso à flor do tecto que nos habituáramos a cumprimentar quando entrávamos na sala.

A minha mãe, pelo contrário, não conseguia incorporar a ideia de o meu pai ter renunciado tão facilmente à gravidade e passava dias a fio a falar-nos de como não seria difícil, com recurso a uma vassoura acoplada de uma faca afiada, fazer-lhe um pequeno furo, de onde saísse

como entrara

aquele ar, afastando-o de nós e da vida, como se o céu o chamasse sem ser capaz de levá-lo.



A minha mãe, entrando no modo pragmático reservado às mulheres, mandou-nos para a cama mais cedo, numa noite, e despiu o meu pai todo, para voltar a vestir-lhe, apenas, umas cuecas de tamanho familiar e uma bata verde que lhe dava pelas costelas, e o conjunto, visto daquele ângulo contrapicado, fazia o pai parecer um super-herói em formato peixe-balão, embora fosse complicado encenar mentalmente a possibilidade, mesmo ínfima, de o meu pai resgatar o gato da vizinha, estupidamente curioso e impreparado para as árvores e para os modos distintos de as subir e de as descer.

O meu irmão, incapaz de se conter da iminência de desencadear uma piada, pegava no cordel pendendo do tecto, quando estava a dar o telejornal, à noite, e ia virando o pai para a parede, de onde ele não conseguia dar conta do noticiário, e era vê-lo espernear como um possuído, a berrar pelo António, a afiançar-lhe as maiores sovas assim que vazasse e o desse alcançado, já no chão, e o mano, divertido, às escondidas da minha mãe, a debater-se, na cozinha, com alguns carreiros de formigas a fazerem incursões ao mel e às bolachas, o meu irmão a fazer o pai dar voltas e voltas sobre si próprio na ponta do atilho, até o esverdear naquele mar alto condicionado, e o meu pai, a custo aplacando o vômito, chamava-lhe todos os nomes, sobretudo se chegasse mesmo a vomitar

um esguicho de vinho, encarnado, espalhando pelas paredes a ilusão de que naquela casa entrara um par de catanas nas mãos de um psicopata a bebida que ele ingeria, a custo, por uma palhinha cuja extremidade oposta à boca mergulhava no pacote de vinho, cujo conteúdo sumia ritmadamente.

Quando era preciso que o meu pai fizesse as suas necessidades, a minha mãe mandava-nos sair da sala, mesmo quando davam as nossas séries preferidas, e ela ia buscar um escadote alto, no qual se empinava

chegámos a ver tudo, numa das primeiras vezes que fomos corridos da sala e nos resolvemos vingar aplicando a curiosidade aos buracos da fechadura, mas o cenário visto fez-me perder, a mim e, sobretudo, ao meu irmão, toda e qualquer vontade de transgredir de novo o isolamento condicionado

e depois de o orientar da melhor forma possível no cagar ou no mijar, passava-lhe umas toalhitas de bebé naquela zona de onde tudo aquilo tem origem e, quando nos era permitido voltar à sala, a primeira coisa que sentíamos era o cheiro a lavanda, um odor tão forte e industrial que se sobrepunha a todos os outros.

A mãe, um dia, ora porque o pai precisava de fazer as suas necessidades, ora porque os dois precisavam de falar a sós, lembrou-nos o caminho da porta, e eu e o meu irmão, aborrecidos por não ter nada melhor para fazer num sábado de manhã senão ver desenhos animados,



e era de aproveitar porque perto da hora do almoço o meu pai começava a insistir em mudar de canal para as notícias e se fingíssemos não o ouvir ou não lhe dêssemos declaradamente atenção, ele começava a gritar, e depois de gritar começava a insultar-nos, e depois disso ainda começava a rir, e quando dava conta de que o telejornal já ia a meio, afrouxava a comporta da bexiga e o resultado, esse, é fácil de imaginar e, por mais do que uma vez, a questão da desobediência filial foi resolvida assim fomos para o quarto desfazer as camas que a minha mãe havia feito e só parámos de saltar em cima delas, e de uma para outra, quando ouvimos o meu pai a gritar, na sala, e nos precipitámos para a porta que a minha mãe encontrara forma de trancar por dentro.

O meu irmão, mais novo e mais audaz, foi buscar uma cadeira, com a qual embatia com violência contra a porta enquanto eu gritava para a minha mãe deixar o meu pai em paz, para que não lhe fazer mal, e por cima dos estrondos

da cadeira a colidir com a porta e dos meus gritos de menina apavorada, só os gritos do meu pai, lancinantes como se o estivessem a matar, e eu e o meu irmão, à vez, desatávamos num choro de desespero somente interrompido quando ele pegava de novo na cadeira ou quando eu começava a gritar outra vez. Antes de ele ir pedir ajuda ao vizinho de baixo, um matacão de ginásio de cujos braços se esperaria nada menos do que uma genica de Sansão, a minha mãe, depois de o meu pai muito berrar e de toda a casa se converter, basicamente, no epicentro possível de um documentário sobre violência doméstica, abriu finalmente a porta e, quando o meu irmão, desembestando contra ela a frustração que acumulara a bater inutilmente na porta, levou uma galheta clinicamente assente na bochecha, é que vimos que a minha mãe estava seriamente imbuída de uma missão, e isso envolvia a nossa ausência e o sofrimento do pai, de quem ela se despedia, saindo da sala, com um

50 | 51

amanhã tentamos outra vez, que não há-de ser assim tão difícil.

Quando entrámos na sala demos com o pai a chorar, o pai um vaso de guerra atingido mil vezes pelo torpedo da ponta fina de um x-acto que a minha mãe usou para nele encontrar

ou desenhar

a conduta pela qual transformaria o pai-balão numa criatura novamente atascada em terra, a beijar o solo de enamoramento, numa humildade de papa, mas a única coisa a sair do pai, em golfadas de uma chuva rubra miudinha, era o sangue em procissão de bando de lemingues, e esse tanto lhe dava correr pela pista de tobogã das veias como desaguar no infinito desconhecido de um abismo aberto ao calhas, e nós, depois de nele encostar o escadote, levámos umas duas horas a estancar-lhe o casco rombo com os três únicos rolos de papel higiénico encontrados na casa de banho, de folha simples, que o meu

irmão ia trazendo, com o cuidado de se desviar dos pingos de sangue e, quando terminámos, o meu pai parecia ter barba até aos joelhos e fazê-la diariamente com uma lâmina romba, no vértice final de um surto de Parkinson. O pai pediu-nos, esticando os braços tanto quanto podia, para não deixarmos a minha mãe tentar de novo abrir-lhe um pipo no corpo, não tinha culpa de estar assim, repetia entre longas descargas de choro, o meu irmão a correr para o quarto e a trazer dois *kispos* com os quais nos abrigávamos das lágrimas e de algum orvalho de sangue que ainda perdurasse, o meu pai muito tremelico a tentar sair da sala a nadar de bruços na atmosfera, esquecido por momentos da impossibilidade de avançar um milímetro que fosse aglomerando com os braços gordos aqueles rebanhos rarefeitos de moléculas, e eu e o meu irmão a fazer-lhe festinhas e a pôr-lhe debaixo do nariz uma caneca grande de vinho, o meu pai a desfazer lentamente a natação simulada para jogar a boca à palhinha e, entre sorvos de vinho e de ranho, desistir do choro e, ao mesmo tempo, de manter os olhos abertos.



Nos dias seguintes, o ritual que a minha mãe encetara repetiu-se. Por volta da hora de jantar, um pouco antes, a minha mãe mandava-nos sair da sala para tratar dos “assuntos de adultos”, dizia, de que infelizmente tinha ficado encarregada, complementava, e, como um cirurgião ou um torcionário

 nunca saberemos exactamente o que de facto alavancava aquela motivação

desenrolava sobre a mesa da sala uma toalha sobre a qual reluziam um par de x-actos, umas agulhas grandes de malha e um sortido de coisas pontiagudas, pelas quais, confiava ela, se restituiria, naquela casa, pelo menos, a normalidade gravítica.

Eu e o meu irmão ficávamos do lado de fora da porta, a ouvir a minha mãe dizer ao meu pai para sossegar, porque ainda havia de agradecer-lhe, repetia, quando finalmente

ela desse com o pipo escondido daquele gigantesco colchão de praia suspenso, de onde haveria de cair gloriosamente, enxuto e maduro, o meu pai, para ser recebido num grande abraço colectivo de âncora e nunca mais se evadir.

Quando aquilo acabava, a minha mãe dirigia-se silenciosa e derrotadamente para a cozinha, dentro de cujo lava-louças passava por água e lixívia os instrumentos, fazendo efluir pequenos relâmpagos de sangue no maremoto de água quente pelo qual restituía às mãos o calor que a má circulação se encarregava de fazer desaparecer.

Um dia demos com a minha mãe de cócoras na sala, logo pela manhã, a tactear o chão e a arredar os móveis de sítio, como se tivesse perdido um brinco ou um isqueiro, e quando lhe perguntámos se precisava de ajuda é que vimos, no olhar que ela nos lançou, o choro e a raiva incontidos de quem não consegue, pelas palavras, veicular aquele abismo crescendo no peito, e eu e o mano, calados e imóveis, só conseguimos esboçar uma reacção tímida e inconsequente quando a mãe finalmente se sentou no chão, chorando sem parar um desespero que nos passava de tangente deixando apenas a casca da empatia, falha de sentido e de polpa, e eu e o meu irmão, munidos de uma forma tão ingénua como atabalhoada de fazer o silêncio e a paz, rodeámos a minha mãe, que no choro incessante parecia uma máquina de lavar roupa em plena centrifugação, arqueando para cima e para baixo os ombros moídos do cansaço, e ficámos ali os três, passando da ocupação de consolar a mãe para a de amplificar o seu choro com o nosso.

Quando sossegámos o suficiente para que o meu irmão tivesse a excelente ideia de nos fazer chegar um meio rolo de papel higiénico, logo dividido pelos três, na ânsia de pôr cá para fora o ranho que se multiplica naturalmente pelo contágio com o choro, a minha mãe puxou-nos para ela e, ainda sorvendo as lágrimas que nos carreiros da cara davam com a boca, disse-nos

ajudem-me, meninos, ele deve estar por aí, escondido, se calhar debaixo do aparador, aqui mesmo, ou então atrás dos vasos

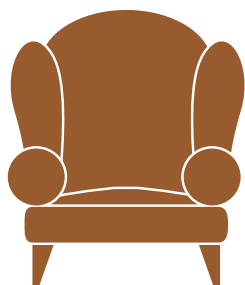
e nós, aturdidos tanto pela forma como pelo conteúdo da conversa da minha mãe, continuávamos a pensar que era uma coisa inanimada que procurávamos, uma coisa sem vontade, que calha, por caprichos dos deuses sem vontade de lhe apararam a queda, a ficar-se numa espera de cemitério debaixo de um tapete ou dentro de um vaso, e só quando me voltei para o tecto, à procura do pai, do qual dei logo falta, é que percebi a quem a minha mãe se referia quando nos enviava na missão solitária de revirar as costas do cadeirão ou quando nos mandava passar a pente fino os pêlos altos do tapete da sala.

Dele só sobrara o cuecão tamanho-tenda e a bata verde que a minha mãe mandava cheirar ao meu irmão com se ao miúdo tivesse crescido um focinho de perdigueiro, e depois de nos mostrar tantas e tantas vezes a roupa do pai que ela guardava numa gaveta da sala para exhibir, como uma prova, a qualquer incauto que tivesse a infeliz ideia de nos visitar, enfiava a cabeça por debaixo da mesa da sala, a chamar o meu pai com um “pch-pch” e um dedal de vinho, ele está muito pequeno agora, afiançava-nos, perdeu todo o volume com os cortes que lhe fiz e, se calhar, – e chorava sempre que chegava a este ponto da explicação – devia ter dormido sempre na sala, dizia, para que quando ele comesse a vazar ela o pudesse ter tapado a tempo de recuperar, pelo menos, metro e meio de homem.

A gente habituou-se àquilo, a gente habitua-se a tudo, à minha mãe a fuçar os cantos todos da casa como se procurasse o mais ínfimo caruncho, a vedar portas e janelas e a repreender-nos por querermos invocar para dentro de casa o conforto de uma brisa, a falar com os convivas na sala e sempre a olhar para o chão, não fossem eles pisar o pai ao mexer-se, um exercício



tão absolutamente ansiogénico como infrutífero e que terminava sempre com ela a escorraçá-los, com a desculpa de que se esquecera de qualquer coisa ao lume, e a gente foi crescendo assim, naquele labirinto bolorento de culpa e de saudade, a mãe nunca chegou a encontrar o pai nos interstícios da roupa de cama ou num buraco do soalho, e eu tenho a certeza de que o pai já lá não estava desde que a minha mãe o começou a procurar, porque o meu irmão tê-lo-á libertado, de noite, enquanto dormíamos, talvez com o incentivo de um pacote de vinho preso por um atilho à cintura e a promessa de que lá fora não há tectos, só céu.



A AVÓ FOI SENDO ESQUECIDA

PARA O ALEX GOZBLAU



Quando à minha avó começou a dar o Alzheimer em força, a minha mãe reuniu-nos na cozinha e, com os olhos rasos de lágrimas e interrompendo sucessivamente o discurso para se assoar aos guardanapos com os quais fazia um generoso montinho, em cima da mesa, disse-nos que a avó se estava a ir embora, porque fora o médico que assim lho dissera

a sua mãe, minha senhora, tem uma doença degenerativa, pela qual vai perdendo as faculdades e, na fase mais adiantada da doença, a própria personalidade, pelo que deve começar o seu luto agora, que isto vai ser uma morte lenta e dolorosa, não lho escondo

e encarregou-nos, sobretudo aos mais novos, eu e o meu irmão, de lhe fazermos companhia e de estarmos atentos a qualquer tropelia involuntária que ela pudesse fazer, como daquela vez, resumia a mãe, num sufoco de quem sente cada batida do coração como sente um terramoto, que ela metera os sapatos no frigorífico, desencadeando uma busca apenas finda quando um de nós, desistindo ou intervalando, foi procurar no congelador uma musse de maracujá acabada de fazer e deu com os sapatos na prateleira dos lacticínios, ladeando dois enormes baldes de iogurte grego, com os quais a mãe tentou, sem sucesso, cosmopolitizar as nossas papilas gustativas, normalmente calibradas para o pão com manteiga e para a pêra-rocha madurinha.

Aos oito ou dez anos a gente não sabia o que era Alzheimer e o mais perto que tínhamos estado do que poderia ser um equivalente aproximado, a loucura, foi quando um miúdo autista da nossa turma, normalmente apagado como o cadáver de um fósforo, desatou aos berros e aos murros à professora a quem ocorreu a infeliz ideia de lhe tentar retirar das mãos um *Lighting McQueen* de que ele não se desfazia nem para comer, e foram precisos seis matações repetentes para o sossegar, atirando-o para o chão e sentando-se em cima dele, e nem assim se lhe ofuscou dos

olhos aquele brilho que deve resultar da criação interna de uma fogueira incontrollável.

A minha avó pouco se parecia com o miúdo da turma, porém, e a gente demorou algum tempo a perceber o que teria mudado por via daquele decreto maternal transmitido em registo de velório, mas, acatando as ordens recebidas, sentávamo-nos ao lado da minha avó enquanto ela via os programas da tarde, nos quais uma saudável infantaria da velhice não resgatava as palmas ou as risadas de que a minha avó se desinteressava com monumental desprezo, às vezes como se estivesse a ver, por detrás daquele aquário hertziano em constante mutação, a cara do meu avô a dormir no sofá, cena à qual a minha avó ganhou uma estranha e insuportável brotoeja muito antes de o avô morrer, como ela previra, no sofá e no sono.



Aos poucos fomos dando conta das manifestações da natureza insondável do Alzheimer, daquilo que para nós nem era uma doença de verdade, porque lhe faltava, na nossa escanzelada patologia infantil, as febres, o ranho ou as diarreias, tudo quanto era o esgoto visível do enorme terreno de guerra em que o corpo se transformava quando o contacto prolongado com as bactérias, esses escolhos da criação de que não sobrava um propósito senão fazer sofrer, nos tolhia a natural e frenética liberdade de movimentos através dos quais semienlouquecíamos um regimento de adultos, ávidos da esperança de nos travar apenas com a perseguição incessante das suas pupilas, e o Alzheimer, o Alzheimer não era nada disto, e nunca nos apercebemos de que a avó estivesse algum dia a pingar do nariz ou a tiritar de frio pelo aparecimento inesperado de uma febre galopante e, no nosso modesto entendimento da razão oculta das coisas, o Alzheimer só podia resultar de uma invasão de lagartas a traçarem na cabeça da avó os mesmos labirintos caóticos de nada igualmente encontrados nas couves trazidas pelo pai de cada vez que ia ao Norte, tratar

das coisas da família, num impulso repentino em que se confundia saudade com culpa.

O meu irmão foi-se desinteressando do espectáculo entediante de cuidar da avó, tanto quanto eu fui encontrando na sua presença muda o conforto de um abrigo onde me escudava do rebuliço incessante no qual o resto da casa se transformava quando os meus pais regressavam do trabalho e os meus irmãos da escola, os primeiros a perseguir os segundos num safari de banhos e jantares de que só se viam livres quando o orvalho do sono coalhava a sua presença nas pestanas dos meus irmãos, e era ver o meu pai a carregá-los, um por um, como se limpasse um campo de batalha, para os quartos, de onde, de manhã, renasciam num crepitar de pipocas e acordavam o prédio todo.

Passados dois meses sobre o diagnóstico, o meu pai resolveu convocar uma reunião na cozinha, na qual se cuidou de conseguir uma solução mais adequada para a minha avó, que, no seu parecer, não beneficiava da solidão assistida votada pela empregada de limpeza e pela televisão, e era melhor, segundo o meu pai, pensar numa daquelas casas de repouso especializadas nestes assuntos, onde ela certamente iria receber cuidados de maior qualidade, com a adjuvante indisfarçada de podermos recuperar a sala para o acompanhamento familiar das notícias e, sobretudo, dos filmes tão apreciados pelos miúdos e cujo usufruto adequado não era possível desde que a minha avó, na sua pesada presença espectral, ocupara o sofá, obrigando a leveza e o riso a uma paragem forçada, de que as crianças

na voz entaramelada do meu pai de cada vez que tirava os olhos do chão e os dirigia à minha mãe, recolhida num mutismo incrédulo, a transpirar indignação se iriam ressentir, talvez anos mais tarde, obrigadas porventura à frequência de uma reabilitação afectiva no consultório de um psicólogo qualquer consciente do valor indispensável do carácter lúdico da infância.

A minha mãe, na surpresa de se achar derrotada pela força do número, apresentou as condições da sua capitulação: nada de lares enquanto a avó fosse viva e houvesse uma criada a quem se pagasse uns trocos suplementares para cuidar dela, nada de abandonar os nossos, dizia, sustendo a custo aquele rio de lágrimas a querer galgar-lhe a comporta dos olhos, nem os animais o fazem, vincava, e se o problema era a sala e os mexericos televisivos, para ela de todo dispensáveis, a avó ficaria então, daqui para diante, no quarto, de onde sairia unicamente para a higiene e para exercitar os músculos das pernas num vaivém nocturno pelo corredor, e para essas tarefas simples organizar-se-ia um calendário de voluntários, obrigados a ajudar a avó a ir a casa de banho e a competir com a sua sombra curvada naquelas maratonas de *hall* de entrada.



Como ninguém dizia o que fosse, cada qual abandonado à sua forma peculiar de cobardia, eu levantei a mão e candidatei-me: eu faço, sussurrei: eu faço, logo mais alto, e a minha mãe, descendo do pináculo onde chocava aquela forma solitária de ser infeliz e incompreendida, abraçou-me, longamente, e eu pensei que ela se derreteria em lágrimas.

O que mais gostava do meu dia era quando acabavam as aulas e eu metia a mochila às costas, e, assim que passava pelos portões da escola, iluminava-se-me um sorriso na cara, absolutamente anónimo para os meus colegas foliões multiplicando-se em tentativas de rasteirar qualquer pobre Tales, a prestar por um momento mais atenção às coisas do céu do que ao lugar onde assentar provisoriamente os pés, e era um ver se te avias de quedas e de insultos e de muita gargalhada pelo meio, e eu passava incólume de tão chato aos olhos deles, eu a apressar o passo para encontrar o meu pai a fumar o seu terceiro cigarro no sítio onde todos os dias estacionava, à nossa espera, e só quando a minha irmã mais velha, sempre no atraso de um namoro do qual não conseguia desprender as mãos ou os lábios,

fechava a porta, para se besuntar de batom de cieiro enquanto o meu, pai, furioso pela exposição à engrenagem da espera, barafustava com todos nós e refrescava a promessa diária de não nos esperar acaso não conseguíssemos, por uma vez na vida, ser pontuais

é que zarpávamos, agarrados uns aos outros para contrariar a inércia das curvas e do contacto com as tampas de esgoto.

Chegando a casa, largava a mochila no quarto, metia um papo-seco com manteiga à boca e ia para o quarto da avó, de onde só saía com ela pelo braço, em direcção à casa de banho, à porta da qual ficava especado, como a guarda real do palácio, à espera de ela sair, certificando-me de que se tinha vestido adequadamente e de que lavara as mãos e, se necessário, voltava ao lavatório, onde, debaixo de uma água fria de Inverno, as nossas mãos assimétricas encontravam no lavar e no ser lavado o espaço de uma rígida troca de afectos, e eu nem ousava sorrir, malgrado a felicidade sentida por poder cuidar, e até bastante razoavelmente, de alguém que não eu, e a minha avó, fendida na compreensão da empatia mais primitiva, esquecera-se da anatomia de um sorriso, e o mais perto de um sorriso que lhe via acontecer no rosto traduzia-se em ela não desviar o seu olhar do meu, e falávamos de coisas indizíveis.

Quando me sentava na cama para lhe fazer companhia, enquanto ela assistia ao triatlo novela-concurso-telejornal, levava os livros da escola e ali me entretinha a divisar as matemáticas e as ciências da natureza, o português e a história, crivando-a de perguntas a que ela se escusava de dar atenção ou de responder, mas eu continuava, ainda há meses vira um documentário no qual os médicos entrevistados garantiam que as pessoas naqueles comas vegetais dos quais não assoma nem um suspiro ouviam o que lhes era dito, e tanto ouviam como gostavam, e não podíamos desistir só porque daquelas insondáveis

profundezas não voltava o eco da nossa atenção, diziam, e se havia os que dali nunca recuperariam a verticalidade ou a voz, passando da estabilidade de uma cama para a estabilidade de uma cova, havia-os também a marchar ao contrário do caminho da morte, abrindo, num repente improvável, os olhos e logo depois a boca, e a primeira palavra que diziam, quase sempre, era água.

Num dia igual aos outros, cansado da tarefa de repetir vezes sem conta as fracções das quais arrancava sempre o resultado certo, fui-me deixando dormir, embalado pelo torpor mecânico na voz do pivô de serviço, e fui caindo devagar para cima da minha avó até me recostar nela como um arbusto colhido pelo vento e, quando acordei, apenas uma hora depois, no pico de um documentário sobre cães perigosos na fúria de um ladrar incessante, a minha avó, imóvel como o melhor estuque, tinha o braço por cima de mim, protegendo-me daqueles dentes a esbarrar no vidro da câmara ou da televisão e eu, apenas acordando, nem percebia bem.



A minha mãe acompanhava-nos por vezes, quando conseguia enfiar toda a gente na cama ou no carro, com o pai, a caminho da missa ou de um parque de diversões, e, sentada entre nós, pousava os braços num abraço de pássaro sob o qual poderíamos ficar para sempre, numa engorda de carinho, e eu sentia, naqueles momentos únicos, o pulsar intensamente feminino na minha vida, através do qual regia a bússola do futuro, os meus dois nortes decalcados nas figuras assimétricas da minha mãe e da minha avó, à volta das quais eu vadiava em órbitas tão irregulares como próximas.

O meu pai, tão lesto a categorizar-nos

tu és o folião, tu és a bailarina, tu és a princesa dando até a impressão de ter esquecido os nossos nomes, foi lentamente deixando de achar piada ao meu voluntarismo geriátrico, mesmo sabendo do tempo que eu

passava, simultaneamente, a estudar, porque eu, para ele, era o marrão, uma espécie mais ou menos incompreendida de um futuro de sucesso, já que do presente, do meu presente, às minhas perguntas sobre vulcanologia ou sobre a densidade estelar, o meu pai respondia a maior parte das vezes com um encolher de ombros que veiculava tanto a sua ignorância como o seu desprezo pelo saber, e era a minha mãe, decapitada para a ciência do céu ou do solo mas voluntariosa, a assistir, com um sorriso permanente a adornar-lhe a cara, ao milagre do meu latim científico na enumeração das propriedades mais íntimas das coisas. Na véspera de Natal

os meus pais tinham saído na previsível caçada das prendas atrasadas e os meus irmãos encenavam um faroeste estava eu sentado com a minha avó, aumentando o volume da televisão para abafar o granizo de gritos de que não nos conseguíamos alhear ou esconder, e na telenovela passava uma música muito antiga, enquanto os protagonistas, filmados a sépia, se entreolhavam numa sala cheia de gente e, caminhando um para o outro muito devagar, davam finalmente as mãos para se enroscarem num volteio de piruetas que parecia tão fácil como leve, até para mim, eterno polivalente na arte de falhar todos os passos, e foi neste misto de encantamento e de surpresa que a avó, erguendo-se como quem se houvesse finalmente decidido, me agarrou nas mãos, sem olhar para mim de frente, e eu, desligado da atracção gravítica, segui-a no que, a princípio, pensei ser o fim do mundo em directo, esperando que deus ou uma das suas declinações mais próximas rasgasse como um pano a parede da sala, e juntos migrássemos desta para outra vida, como o pai sempre me garantira e eu negara, num optimismo circunspecto de quem ainda nada sabe da precariedade existencial, mas quando me dei conta não havia trombetas, anjos, a relva verde povoada de leões na brincadeira, apenas eu e a minha avó, na qual juro

ter visto o eclipse rápido de um sorriso, a dançar, a dançar. Daí em diante eu enfiava-me no quarto da minha avó em qualquer altura, e não havia ainda começado a exaurir as justificações que atirava ao meu pai, principalmente, ou à minha mãe, quando a esta já parecia exagerado e pouco salutar este convívio de mudos: tenho de estudar para química e o quarto da avó é o mais sossegado da casa, dizia, por cima do ombro, enquanto abria e fechava a porta do espaço onde, finalmente, me sentia em casa, e ali me sentava, ao lado da minha avó, que depressa me aconchegava no reencontro de um abraço enquanto eu percorria a pilha de livros dos quais extraía os versículos dos trabalhos de casa, e passada uma hora já digerira aquela litania de matemática e de inglês, e a minha avó, dando conta da minha satisfação de pardalito saciado, passava-me a mão pelo cabelo, resfolgando-o lenta e longamente até eu me recostar a ela e, fechando os olhos, pensar dormir e pensar sonhar sem lhes saber a distinção, mas era tudo tão melhor e tão mais autêntico na certeza desta lucidez para a qual, subitamente, a minha avó regressava em passos tão ínfimos como seguros.



Aconteceu por diversas vezes deixar-me dormir no sofá, no conforto do colo da avó, e para tanto a minha mãe como a restante família não suspeitarem de que a avó mantinha em segredo uma lucidez escondida de todos, como notas por baixo do colchão, eu agarrava a mão da minha avó com a ponta dos dedos, para a minha mãe pensar que, no epicentro do carinho, eu a puxava para cima de mim num recolher de manta, até me sentir agasalhado, abrigado, imerso naquele ninho de pele e osso, do qual o meu pai me recolhia, já tarde, levando-me para a cama como todos os outros, pendendo dos seus braços, baixas imaginárias de um cenário de guerra em que todas as noites nos perdíamos digladiando-nos com Morfeu.

Os meses foram passando e a minha avó publicamente monolítica

de fazer dó, dizia a minha mãe, uma mulher tão inteligente e tão cheia de vitalidade era cada vez mais uma peça de mobiliário que o desapego de toda a família vai tingindo de inutilidade, e já ninguém se não eu acompanhava a avó à casa de banho ou lhe fazia companhia e até a minha mãe, exangue da derrota interposta por terceira pessoa, evitava estar muito tempo com ela para não dar por si a segurar-lhe nas mãos e, perscrutando-lhe a bacia dos olhos, da qual não conseguia ver nada reflectido senão um grande charco negro, imóvel e anónimo, a chorar repetidamente a perda daquela consciência escorrendo para dentro daquele arvoredo de corpo sem que a minha mãe soubesse uma forma de lhe jogar a mão a tempo de impedi-la de cair sem fim, sem retorno, como os médicos que, ao vê-la, lhe diziam, mesmo rente à minha avó, de quem falavam na terceira pessoa com a impessoalidade de um veterinário a detalhar o modo como fará a excisão de cinco das oito mamas restantes de uma gata com cancro,

ela já não dá conta de nada, minha senhora, isto é uma questão de meses ou de anos, mas a partir de agora é assim

e a minha mãe, disfarçando o repuxo das lágrimas por detrás de uns óculos escuros de insecto indispensáveis para as consultas, ia acenando que sim com a cabeça e levando a minha avó, pelo braço, do consultório para o carro e do carro para casa, soluçando aqui e ali a impotência e a raiva, e quando chegávamos, ela mandava-me subir com a avó enquanto ia estacionar o carro, dizia, e só a víamos, em casa, uma hora mais tarde, com os olhos inchados como os de uma carpa.

Mal sabia a minha mãe que eu e a avó dançávamos, quase todos os dias, até ao ponto de eu estar convencido de me ter ensinado a levitação, pela qual eu me esquivava dos seus pés e do peso do meu corpo, e nessas alturas era tão leve que

tinha medo de subir num descontrolo de balão até ao tecto, de onde me recolheriam com uma grande espátula para me apear, como uma mula, ao pé de uma mesa, com um nó impermeável aos meus desajeitados dedos de criança.

Quando não dançávamos, porque estava muita gente em casa ou por estarmos na ponta final de um dia para ambos cansativo, jogávamos Monopólio ou às cartas, e se alguém chegasse enquanto a avó se preparava para lamber com uma biscoita uma vaza de sueca, eu fingia que lhe ajeitava as cartas na mão e ninguém dava conta de a minha avó ser muito mais do que aquele fantoche de tamanho familiar de quem eu extraía os movimentos necessários para aquele complexo jogo de espelhos através do qual toda a gente pensava na possibilidade de, mais cedo ou mais tarde, eu perder a razão ou o hábito de estar com os outros, coisas que, na verdade e para a minha família, se equivaliam naturalmente.



Foi com a minha avó que eu aprendi a primeira dimensão do compêndio dos afectos e do silêncio, e deixava-me estar horas a fio a acariciar-lhe a mão como a um gato sequioso, ambos dentro de um silêncio complementar no qual as palavras eram apenas vidros a soçobrar no chão, e foi com a minha avó que soube o que era um segredo e como isso traçava, entre duas pessoas, múltiplas pontes por onde o coração enviava os seus emissários numa procissão de carinho, e foi com a minha avó que aprendi a perder os jogos num recato digno e a distinguir quando ganhava porque era o melhor ou quando me deixavam ganhar, e foi com a minha avó que a criação divina fez, pela primeira e cristalina vez, sentido, desde a passarada a traçar tangentes aos cantos da casa numa alegria infantil até às plantas da sala, imóveis e serenas, que ela me mandava regar num alçar de sobrolhos capaz de, entre nós, ter mais de uma dúzia de significados diferentes e inconfundíveis.

Quando um dia cheguei a casa depois da escola o meu pai me chamou, antes mesmo de eu poder florear a avó de beijinhos, e eu lá fui, impaciente, apenas para encontrá-lo na cadeira normalmente usada para as prelecções, nas quais se explicava a importância das notas escolares ou do comportamento correcto no supermercado, e eu, amedrontado logo pela ideia de que me poderia ter esquecido de comprar a comida do gato ou de outra malandrice ainda pior, comecei a tremer das pernas, não tinha em mim a coragem da mana, capaz de sustentar com imperturbável serenidade o maremoto de insultos a que o pai, não amiúde, a votava.

A tua avó, dizia o pai com os olhos rente ao chão, foi internada numa clínica onde terá os cuidados que esta família não consegue prover em contínuo. Foi muito difícil, sobretudo para a tua mãe, como sabes, ter a firmeza de finalmente tomar esta decisão, mas é para o bem de todos, até para o teu. Especialmente para o teu, porque um jovem da tua idade tem de passar mais tempo com os amigos do que albardando o fardo de cuidar de uma velha esquecida

e desculpa se coloco a questão nesta forma aparentemente fria, mas é a verdade, e a verdade nem sempre pode ser servida à temperatura ambiente, percebes, e agora esta casa poderá voltar à normalidade, e é talvez a única coisa boa a advir de tudo isto, compreendes

no entanto eu ouvia-o não a falar para mim mas para ele, tentando convencer-se, no processo de me digerir a notícia, como os pássaros adultos fazem com a comida que dão às crias, de ter tomado a decisão correcta, e eu só queria sair dali, na televisão um filme qualquer, um miúdo a masturbar-se na varanda de um hotel, um cão a lamber o esperma

pai, a avó está bem, a avó esteve sempre bem, só precisava de descansar, trá-la de volta e eu explico, ou melhor, ela explica, vais ver, é tudo um mal-entendido e ele a interromper-me

não poderia, filho, nem que quisesse, ela está bastante longe daqui, porque estas coisas não são baratas e tivemos de equacionar a difícil relação entre preço e proximidade, e como as coisas estão, e a crise

um cão grande e amarelo, livre para andar ao acaso pelo apartamento com um iogurte de meita na ponta do focinho, o vômito a crescer-me na boca

eu quero ir vê-la, leve-me já onde a deixaram, não me podem fazer nisso, percebem, não lhe podem fazer isso, que só eu posso ajudá-la, não compreendem

o cão a aproximar-se de uma mulher, a mãe do miúdo descomprimido, ela a comer um queijo qualquer de barrar e o cão a salivar a fome de querer sempre provar de tudo

decidimos, eu e a tua mãe, que será melhor não a veres mais. Ela não te fazia bem e, na verdade, é uma das razões pelas quais resolvemos assim o assunto

a mulher a dobrar-se na cadeira e a ir com a boca de encontro à boca do cão, um beijinho apenas, mas os cães não sabem senão ser generosos e o bicho lambe-lhe a boca toda, o esperma e o queijo a cheirarem o cu um do outro e eu ali, as pernas fixas como as colunas que sustentam o pontão sobre o mar, o estômago a entrar-me na boca pela porta de saída, não acredito em deus, disse, entre vômitos, e o meu pai finalmente tirou os olhos do chão e olhou para mim, mas acho que eu já não era eu.





SOBRE A FÍSICA DAS PARTÍCULAS
E A TEORIA DO MULTIVERSO
QUANDO O BOSÃO DE HIGGS
APRESENTA UMA MASSA
INESPERADA DE 125 GeV



O nascimento do Rogério foi a coisa mais bonita a acontecer-nos enquanto casal, diria mesmo que o foi o momento pelo qual ambos esperávamos como se de um crisma se tratasse e ele viesse

de França, do céu, do bico de uma cegonha, cansada daqueles três quilos e oitocentos

confirmar finalmente a nossa união, por não podermos nunca mais, desde o advento do cristianismo, sermos só e apenas dois: a unidade é a trindade, repetia-me a Marta, no lusco-fusco, quando esgotados e satisfeitos de muitas formas distintas caíamos, um em cima do outro, fruta madura num alguidar de linho à espera do consolo da noite e do silêncio.

Nunca soube se tinha nos genes a espontânea complexidade de ser pai e de contar histórias, de mudar fraldas e de auscultar febres nocturnas, mas porventura isso ninguém sabe senão os predestinados nascidos com as mãos ungidas de óleo de amêndoas doces, e esses crescem verticais, como as árvores mais justas, para colherem do tempo as crianças, que reúnem, à frente de uma objectiva, num abraço elíptico pelo qual agrupam família e imortalidade, as duas únicas andas sobre as quais um homem sóbrio se pode apoiar para fazer o caminho do futuro.

Eu nunca aspirei a tanto, à perfeição de não falhar em momento nenhum a execução da paternidade, e achava espúrias as tentativas dos meus amigos de serem perfeitos a cada instante e escusadas as suas frustrações e agonias, ventiladas numa acidez biliar ao padre ou ao psiquiatra

vinte pais-nossos, três caixas de venlafaxina, tudo vai correr bem, não se martirize

de onde saíam calmos mas estúpidos, a caminho de falhar uma e outra vez por não conceberem com suficiente clareza a diferença entre a falha e o abismo, e trocarem um por outro, numa confusão adolescente.

Por tudo isto, quando o Rogério se começou a dividir, não entrei em pânico, já tinha visto os *gremlins* e a ficção científica

o Júlio Verne, a viagem à lua, as vinte mil léguas submarinas e as lulas ansiosas pelo aconchego de um abraço

e se coisas escritas hoje parecem impossíveis, a verdade é que o futuro se encarrega como ninguém de as plasmar na matéria dúctil da realidade, pronta a receber as ideias num apetite aristotélico, e o facto de o pequeno Rogério se dividir

ou melhor, se multiplicar

quando bateu com a cabeça, na esquina de um móvel, não me parecia de toda matéria gravosa o suficiente para convocar médicos, cientistas ou bruxos.

Tratei de acalmar a Marta: lembras-te de como quisemos sempre mais do que um filho, dizia-lhe, e de transversalmente isto vir mesmo a calhar, nem passas pela agrura de outro parto, mais doze horas a arfar solitariamente num cubículo que se confunde com a pior solitária das piores prisões, e mais a antipatia clínica dos médicos e das enfermeiras, um chegue-se para lá constante, um não me chateie plamordedeus, uma agressão concentracionária a propósito de quem vem parir e dar vida ao mundo, como as coisas estão, Marta, já viste, a taxa de natalidade lá em baixo como as acções da Nokia e a forma como nos tratam, até nos supermercados, onde o Rogério não pode ressoar a energia da infância sem lhe nevar por cima uma borrasca de reprimendas na forma de globos oculares, que hipocrisia Marta, já viste, e agora esta sorte, podermos ter dois ou três sem a monotonia da maternidade a consumir-te a carne mais jovem e os teus peitos, Marta, desinflados para sempre da vitalidade de provocar, anonimamente e por toda a parte, o rebentar de um caudal de desejo, já viste, Marta?



Aos poucos consegui convencê-la de que seríamos ainda mais felizes se fôssemos mais, e o Rogério ter um gémeo era um acidente inestimável da paternidade, evitar-se-iam desde muito cedo

que o Rogério tinha dois anos e dois meses apenas as consequências da mimadice normalmente associadas a ter somente um filho, e graças a este duplo, a este gémeo, a esta criatura para a qual levámos dois dias a propor um nome a que não torcêssemos ambos o nariz, António ficou, e até brincámos sobre a possibilidade abasileirada de arregimentar uma dúzia de moços para simular apóstolos, mas logo nos assustámos com o número, doze, céus, nem Pitágoras naquele misticismo de álgebra sonhou com tanto, dez, dez chegou-lhe, porque raio haveríamos nós de querer doze, o suficiente para refundar uma aldeia do interior, para reabrir uma escola primária desactivada, doze criaturas a patearem no corredor como uma grande manada de búfalos subitamente carnívoros.

Não foi fácil explicarmos aos vizinhos o acontecimento de gémeo instantâneo, mas, quantas mais perguntas nos faziam mais competentes nos tornávamos a evitá-las ou a escusar-nos à verdade, e eles, sem terem conhecimento do processo pelo qual a maternidade duplicara como numa aposta de póquer, dobravam também os afagos no toutiço dos miúdos, as promessas de doces e de outras guloseimas e as recomendações de que não fizessem a cabeça em água aos pais, e os miúdos, educados, tanto um como o outro, agradeciam, numa sincronia de pássaros, tanto as beijoquices como as reprimendas, e aquilo tudo, que já fora estranho, era agora apenas família.

E lá andámos contentes, um bom par de meses, a passear aos fins-de-semana nos jardins de Belém, onde as crianças, debaixo de um sol de Maio muito prendado, se digladiavam atrás de uma bola ou de um pombo mais reumático, um e

outro absolutamente indistinguíveis, as pessoas a pararem para se deliciarem no jogo auto-induzido de encontrar as diferenças, que aquele é um bocadinho mais alto e o outro tem um sinal no nariz e lá iam elas, opticamente satisfeitas, e a gente a rir-se, por dentro, porque duas pessoas ou bichos ou coisas não podiam ser mais idênticas, mesmo as *Dollys* mais perfeitamente clonadas ou os carros de luxo saídos das linhas de montagem, nas quais o tédio se transforma em músculo e em cor, e logo íamos para casa, satisfeitos por nos chegar do banco de trás do carro a alegria em estéreo, e depois da romaria aos banhos e aos jantares, xixi, cama, e eu e a Marta no quarto, a decantar a felicidade acumulada no registo íntimo de quem não se evita na confusão dos lençóis e, se me quisessem fazer ver que a vida era outra coisa que não esta, tão adequada, consideraria apenas desarmar essa tese pelo argumento fácil do meu sorriso.



Acordando um dia de manhã, demos por falta de um dos miúdos, o António ou o Rogério, éramos incapazes de precisar, já que o miúdo tanto respondia a António como a Rogério, numa indecisão onomástica de que não conseguíamos livrar-nos nem pela inspecção do corpo, eu e a Marta à procura de sinais onde os sinais eram inequivocamente iguais, a palpar-lhe a cabeça em busca de colinas e nada, o Rogério podia ser o António ou o António o Rogério, a gente perguntava-lhe: e o teu irmão, ao que ele encolhia os ombros como quando queremos saber o paradeiro das chaves de casa e naquela ocasião não fora ele a escondê-las, e a Marta, no limite da lágrima, agarrou-se ao António, ou ao Rogério, e disse: não aguento, antes de sair porta fora e se refugiar na toca da cama.

Nas semanas seguintes, eu andei atrás do miúdo, a medir-lhe os maneirismos, o apetite, a forma deliciosamente atrapalhada de ele dizer rigofrigo em vez de frigorífico,

atento, num registo pericial, a qualquer sinal de que o meu filho fosse quem mostrava ser e não o outro pelo qual a Marta se atirara para o refúgio incessante da cama e da almofada, sem qualquer sucesso, porém, sabia lá eu se as diferenças milimétricas às quais tomava especial atenção eram, num somatório que não me cansava de computar mentalmente, a demonstração inequívoca de aquela criança ser o António e não o Rogério ou apenas a natural intervenção do tempo no processo de crescimento e, pouco a pouco, fui deixando de querer saber. Enquanto a Marta se afundava na cama e no charco de lágrimas, eu e o miúdo retomávamos o processo pai-filho onde este tinha sido interrompido e andávamos, de mãos dadas, à cata dos pombos moles semeados pelas pracetas onde deambulávamos, manhãs inteiras, às compras, aos gelados, aos afectos aos quais a Marta se recusava numa auto-imposta clausura de penitência.

78 | 79

Com muita paciência a fui convencendo da impossibilidade de continuarmos a viver daquela forma, eu precisava de ir trabalhar, Marta já tinha esgotado férias, atestados, greves e qualquer expediente suplementar pelo qual pudesse ficar em casa com o miúdo, e tu precisas, meu amor, de voltar para nós, para a vida, a vida não começou com os gémeos nem acaba com eles, percebes, podemos recuperar esta família na modalidade do amor, é uma questão cuja solvência depende das justas medidas de fé e de esquecimento, e eu sei que és capaz de ambos, Marta, volta pra nós, peço-te, volta.

E a Marta acabou por vir do quarto, atrás das minhas palavras, para me tomar as mãos com as mãos dela, magras e frias, e dizer-me: vou tentar, Henrique, só isso te posso prometer neste pico de cansaço e de zanga com a vida, e na verdade a mais não me sinto obrigada, mas vai hoje para o trabalho descansado que eu fico com o

miúdo, temos assim tempo para desfazer estes percursos paralelos por onde cada um de nós se anda a esquecer do outro, vai descansado, meu amor, e obrigado por não me teres deixado envelhecer naquele quarto à sombra da culpa e da loucura, e com isso, a Marta regressada deixou-me as mãos, limpou as lágrimas e foi abraçar-se ao miúdo como se apenas se tratasse de uma imprescindível rotina matinal. Malgrado o tédio de ser um mero assistente de vendas numa loja de telemóveis, passei o dia assobiando e metendo-me com os clientes mais macambúzios, normalmente pouco atreitos a conversa de vendedor e eu, no pico da felicidade, convertia-os em criaturas afáveis e largas de mãos,

uma escolha fantástica, veja-me este ecrã *full hd* e a facilidade com que conseguimos fazer uma transferência bancária em qualquer lugar com toda a segurança



e enquanto os meus colegas revolviam no fígado a maleita da comissão perdida, os clientes, levando debaixo do braço a promessa da resolução vital em formato móvel, despediam-se de mim multiplicando agradecimentos e votos de bom trabalho.

Ofereci-me para fechar a loja, apesar de não ser a minha vez, e no caminho para casa passei pela nossa churrascaria preferida, de onde trouxe dois frangos impecavelmente tostados para saciarmos a fome, e liguei à Marta: não faças jantar, amor, está tudo bem, como tem passado o dia, ao que ela me respondeu, embora laconicamente, que sim, normal, ainda bem que trazes jantar, já estou cheia de fome, e eu: não me demoro, amor, não me demoro.

Ao chegar a casa, numa felicidade de Pai Natal, dou com o miúdo no chão da sala e deixo cair os sacos e o queixo, o sangue a escorrer-lhe da testa, a Marta sentada e a fumar, a janela aberta e na televisão a Volta à Portugal, o que aconteceu, Marta, e ajoelho-me junto dele para lhe tactear

o corpo em busca de vida, e a Marta olha para tudo isto
inexpressivamente e acende outro cigarro, faz círculos de
fumo com a primeira passa que trava

este era o António
o Rogério já não volta
como vês
bem tentei.



MAU TEMPO NO QUINTAL

PARA A RALINA



Sarabanda

*abre criança!
todos os animais
por dentro são o talho.*

Rosalina Marshal, Manucure

Sempre que saio do trabalho e passo pelas dezenas de pedintes que se acotovelam à porta do supermercado, de gravetos estendidos, à espera que da amplitude de um coração alheio pinguem uma dúzia de moedas pelas quais se garante a saciedade momentânea da fome e a sobrevivência suplementar de um dia mais, emudeço, acomete-se-me um silêncio que me tolhe de cima a baixo e me paralisa, e passo por eles a falar-lhes com os olhos (hoje não posso; não tenho; a si não o conheço) ainda mais devagar do que é costume

um cargueiro pesado a fender aquela massa compacta de gelo e miséria de cujos corpos restam apenas a voz e um par de olhos que vão caindo para dentro da cabeça em direcção à rua perpetuamente mal iluminada, tentando esquivar-me, raramente com sucesso, das pessoas a quem normalmente pagamos para que elas e outras não nos façam mal.

Ainda assim sou daqueles que não se podem queixar muito. Tenho trabalho. Trabalho no Pingo Doce, como todos os portugueses que conseguem ter trabalho (há muito que o indicador de desemprego está nos 23%, um número somente alcançado e mantido pelas diversas engenharias estatísticas através das quais um desempregado deixa de o ser assim que, por exemplo, recorre a um hospital, ou assim que pede uma factura), na secção do talho e, se bem que o trabalho não seja muito (a secção do talho faz parte da

secção mais ampla do cantinho *gourmet* do supermercado, pouco frequentada, onde é possível encontrar, igualmente, conservas de atum e cogumelos em lata), sempre dá para passar o tempo ao abrigo do frio inclemente a que a gente se habitua, como é possível habituarmo-nos ao cinzento pelo qual, de uma lambidela matinal diária, toda a cor e toda a vida são retiradas às coisas que, inusitadamente possuídas de brio, vão resistindo ao deserto de ruínas que assola a cidade.

O meu avô começou por trabalhar no Pingo Doce, há quase sessenta anos, depois foi o meu pai e quando o meu pai morreu, coube-me a vez e a honra. Para garantir o trabalho, o meu avô teve de desembolsar uma boa maquia. Os empregos do Pingo Doce constituem-se normalmente como bens imateriais passíveis de sucessão, e a maior parte das pessoas

com dois dedos de testa

abdica de um prédio no centro de Lisboa (de onde é impossível, para começar, remover os ocupantes ilegais que pagam pela sua protecção a quem quer que, à altura, controle o bairro) a favor do irmão ou da irmã, mais amplos de cobiça do que de juízo, e fica com o emprego de doze horas

doze horas de ar morno ininterrupto, as gretas nos pés quase que fecham, os lábios recuperam timidamente a cor, as mãos o movimento pelo qual alguns dotados ainda conservam o dom da escrita

que dá direito a malga e meia de comida, mais ou menos, consoante a importância do lugar que se ocupa, e a um salário semanal, que, não sendo do outro mundo, chega para pagar aos diversos capangas organizados que têm como função proteger a malta dos capangas organizados. Sonho muitas vezes

na parte do quarto que alugo num prédio cujas escadas foram substituídas por cordas, que tanto dão para subir e descer como para alguém se enforcar



que trabalhamos todos no Pingo Doce, que somos todos felizes, que comemos todos juntos

eu, o meu pai e a minha mãe, o tio Esticão que deus tem

a rir e a contar histórias, que voltam a dar-nos permissão para usar a casa de banho e que deixamos de ter de ir à rua e que, sobretudo, nunca saímos de lá, porque no último andar do supermercado instalam dezenas de beliches, cada um com o nome do empregado a quem pertence, e que podemos incluí-los no nosso testamento, para que, ademais do trabalho, possamos legar até um sítio quente onde dormir, do qual não somos expulsos e onde não temos de nos encostar, por mera necessidade, a outros corpos, sempre com medo de que um recém-chegado nos cobice e roube a manta ou um órgão.

Quando não estou a trabalhar, tento passar o máximo de tempo possível no supermercado, a fingir que escolho uma ração qualquer barata e pouco vitaminada, como todos quantos trabalham no Pingo Doce, evitando assim a exposição escusada à rua e ao frio, aos quais necessariamente voltamos assim que um segurança mais zeloso nos pergunta por que demoramos tanto a escolher, se nem ler sabemos, ou quando bate a meia-noite, altura em que toda a gente é metida na rua como lixo varrido para a soleira da porta, e entram os camiões com a comida que trazem do norte de África, onde as temperaturas, mais amenas, de doze graus, uns dia de sol e muita estufa permitem que uma vez por outra apareçam umas alfaces na secção *gourmet*, e estas mal poisam já têm destino selado, pois os poucos que podem comprar naquela secção já têm apalavradas generosas maquinas por cada artigo de luxo que calhe chegar na roleta russa do abastecimento

caravanas de moldavos dominam aquelas rotas: uma sementeira grada de camiões, caindo aos pedaços, navegando sem distância entre eles para evitarem as

inevitáveis pilhagens que ocorrem se um coitado, numa leva de sono, se descuida e sai da rota.

A última vez que vi carne na minha secção foi há doze anos, quando ainda acontecia ouvirmos à noite os gatos na rua, lutando por pombos ou por sexo. De vez em quando aparecia um gato, um pombo tombado pelo frio ou pela fome, os cães já há muito haviam marchado, eu que gostava de carne de cão tanto quanto ao meu pai repulsava o seu consumo (por amar os bichos, mesmo o Nero, tão peçonhento que ninguém lhe chegava perto), preferindo comer as azedas que ainda havia e a sopa de urtigas que a todos deliciava, ao invés do cãozinho, coitado, dizia o meu pai, que fora criado por deus como prova da existência do amor incondicional, e não como gado que doce e placidamente se deixa levar, pela trela do dono, para o matadouro, um penedo negro e rubro de onde parece escorrer a eternidade em sangue e no qual se colocam os bichos com os olhos virados para o chão, sobre eles descendo uma lâmina muitas vezes artesanal, transformando a morte num exercício infundável de gritos e gemidos que chovem por cima das nossas cabeças, quando dormimos, por cima e para dentro.

Às vezes até dou graças por já não recebermos carne. Antes, cada bocado que aparecia, muitas vezes descrito como indiferenciado por já ninguém poder atestar ao certo, pela anatomia, a que bicho ou a que parte do bicho servia aquela peça de *puzzle*, era disputado com violência por todos aqueles que aguardavam, às vezes dias a fio,

antes, até esse trabalho havia, estar na fila à espera de víveres que de outro modo encheriam outra cesta e outras barrigas, lutar por eles até merecer um cobertor a desfazer-se ou o privilégio do olhar de alguém em cujas pupilas não mareje só fome

pela chegada de um bocado desfeito de gato ou de alguma peça indiscriminada, vendida sob a denominação de



“lombo exótico” pela batuta de *marketing* de um italiano sempre sorridente, malgrado a cordilheira incerta de dentes que lhe apareciam, meia dúzia, no máximo, a destoar do buraco negro e sem vida pelo qual se entrevê a morte nas dezenas de corpos caídos pelas ruas.

Quando calha conseguir ver-se o exterior, de dentro do supermercado, porque a tempestade amaina e a neve que os vidros recebem em contínuo começa a sucumbir à gravidade, toda a gente no supermercado pára. Lá fora, sobretudo até o sol se pôr, porque depois disso são muito poucas as ruas iluminadas, aparecem, em contraluz, saídos da névoa numa dispersão de estrelas mornas, os chineses, em primeiro plano, aproveitando cada aberta para se ocuparem de acartar, em baldes que cada um guarda com a força da vida, a neve que se amontoa nas ruas intransitáveis. Os turcos e os árabes em geral aparecem depois, já com o caminho aplanado pelo chineses, pagando uns trocos àquele que, de entre os outros, manda em todos, e expõem por cima de uns trapos de umas cores que fazem cair o queixo a todos de quem a vista ainda não partiu, uns objectos de que não sabemos quase nunca a origem ou o propósito e, à janela, os mais velhos lançam-se a adivinhar, usando palavras de que muitos não têm conhecimento ou recordação, enumerando as capacidades das coisas, num assombro divinatório que lembra uma evocação ou outra mentira qualquer, só que mais bela. Os nórdicos vão saindo das empresas de que tomaram conta quando cá chegaram, corridos pelo frio de onde fugiram e pelo engodo de uma réstia de Europa semitropical onde as vagas de gelo, que matavam tudo a norte de Bilbau, encontravam aqui uma pequena acalmia, mas não o suficiente para esquecer o frio, como eles desejavam e supunham. Os nórdicos, quando deram conta do erro dos seus cientistas e encalharam numa Lisboa de onde todos os barcos já tinham desertado para parte incerta

para o Sul, homens, para o Sul, cambada de incapazes e ingratos, ouvia-se perto do Porto, numa repetição de mantra para tragédia

reuniram os seus haveres e as pessoas a quem tinham confiado o projecto da sua salvação e erigiram uma enorme pira funerária, onde um a um os lançavam, enquanto se embebedavam com o álcool etílico que tinham trazido para alumiar o caminho, e cantavam, nas línguas que eles conhecem e nós desconhecemos, e houve quem de entre nós quisesse participar no ritual, até porque se podia, oportunamente, talvez comer um bocado de carne à qual nunca se tivesse conhecido cara

ainda hoje persiste a aversão ao canibalismo e poucos são os que ousam tragar, numa galga de abutres, aqueles que todos os dias morrem na rua, e quando são apanhados por quem garante a segurança, seja onde for e obedecendo a um preceito que em parte nenhuma se vê escrito mas que é veiculado, entre todos, de boca em boca, são mortos na hora e esquartejados, deixando à vista de todos as suas entranhas culposas

apenas para rapidamente aprenderem que os do Norte só queriam de nós as nossas melhores coisas e a nossa maior distância, e começou ali uma matança que só teve fim na Grande Trégua, quando ficou fixado quem trabalhava no quê e onde, quem mandava no quê e como, e quem tinha de sair de Lisboa e marchar para o Sul, em direcção à morte certa, porque todas as cidades estão cercadas por arames longos e altos para impedir que entre mais gente, mantendo assim o periclitante ecossistema que serve a todos e que, na verdade, não serve para ninguém.

Os do Norte eram maiores e mais fortes e ficaram com os bancos e muito do comércio que sobrou. Os do Leste, que se vão chegando cerca dos turcos e dos seus arsenais de quinquilharia mágica, ficaram com aquilo que sabiam fazer, a protecção das pessoas, uma actividade promovida à



bastonada para que ninguém ficasse com dúvidas da necessidade do serviço oferecido

por um módico quantia, tu, pequeno, estares salvo dos grandes, entender?

tendo usado os não-convertidos – mais propriamente, as suas cabeças, encimadas em estacas – como porta-estandarte publicitário da urgência em pagar para evitar o maltrato. Os nórdicos e os de Leste não se misturam, senão para fazer negócios. Mesmo trazidos uns e outros pela acalmia da neve e pelo bazar que floresce na rua, mantêm-se as distâncias e todos vêm em grupos, de que não se separam nunca.

Muito raramente, quando ocorre um interregno de neve de seis horas ou mesmo mais, acontece ouvir, na distância da lonjura, aquilo a que os antigos chamam música, uma sucessão de sons que criam dentro de nós harmonias de sensações que nuns provocam a comoção do choro e noutros a exultação do riso, e calha a quem tenha muita sorte, como narram os mais velhos, quase em surdina, por reverencial respeito, que apareça do longe e da neblina uma caixa grande puxada por doze homens

nunca menos, vê lá tu a importância dele, ouve-se

dentro da qual pessoas vestidas com o que parecem ser peles de animais falam e gritam e ousam mesmo rir do frio, e trazem com eles, dentro da caixa assente em rodas, caixas mais pequenas das quais ressoa a música que entra nos sítios onde até o frio tem medo, e quando chegam ao bazar há logo quem lhes abra a porta da caixa, de onde saem gordos de fazer inveja, e até os de Leste e os nórdicos os respeitam, sobretudo ao mais velho, que vai desfazendo as vénias de todos com um acenar de mão, à procura de qualquer coisa que lhe agrade no bazar e, quando se farta

quem o viu diz que ele nem chega a olhar para metade dos trapos dos quais florescem aqueles tesouros coloridos

bate as palmas, e não há mercador, por mais contrariado, que não levante logo a trouxa e não se apresse a sair da rua, porque, diz-se, e não há quem não creia, que ele manda as caixas cantarem mais alto e, pegando na moça mais formosa daquelas que ele traz sempre na caixa

faz três ou quatro das nossas, e às vezes tem os dentes todos, ou quase

anda com ela a rodopiar, os dois sozinhos no meio daquela turba que cresce e cresce com as pessoas cuspidas de casa e do trabalho, só para os verem a dançar, que é aquilo que os antigos dizem que eles fazem e que ninguém ousa repetir,

e ninguém consegue, por muito que sozinho e às escondidas tente, deslizar naqueles movimentos tão leves de cansaço

porque a ele, continuam os nossos mais velhos a instruir-nos, estão reservados o dever e o privilégio de, dançando, convocar para o futuro o regresso do calor e da vida a Lisboa, e nós rejubilamos naquilo que a força e a saúde permitem, de cada vez que ouvimos, à distância, aquela coisa que, entrando em nós, contraria o frio e alimenta a esperança.





O MEU AVÔ ERA O ÚNICO QUE
TINHA GUELRAS, ALÉM
DE PULMÕES

PARA A RAQUEL NOBRE GUERRA



Quando a água começou a subir pensámos que seria temporário, como da última vez e da penúltima e de todas as restantes de que nos lembramos, e não foi sem algum espanto que nos apercebemos de que, pouco a pouco e continuamente, a água ia já acima das marcas desenhadas nas paredes da casa com as quais registáramos as anteriores inundações, e o meu pai, na profissão de fé da sua neurose, foi lesto a obrigar-nos a recolher tudo quanto em casa ainda sobejava, como os quadros que deixáramos na parede convencidos de que a água nunca os devoraria e um relógio de cuco, que bolçava a intervalos regulares uma rolha de champanhe a fazer as vezes do passaroco

há muito desaparecido numa ecologia infantil de querer ver todas as coisas livres

e, revezando-nos na carga da tralha para o primeiro andar, invicto desde sempre de água, abandonámos o rés-do-chão convencidos da transitoriedade do dilúvio.

No primeiro andar, arrumámos as coisas como já era habitual, o meu colchão no quarto dos avós, a cozinha toda no meu quarto e o quarto dos meus pais abarrotado até ao tecto com o bricabraque trazido da sala pelas escadas e, enquanto nos esfalfávamos a desviar e a empilhar coisas, a minha mãe, rápida a deprimir quando algum acaso da vida requisitava dela um esforço suplementar, acendia o seu cachimbo de forninho em marfim, atafulhava-o de tabaco holandês com aroma de cereja e, sentada mesmo no meio do corredor, travava na boca grandes golfadas de fumo, que ia soltando aos bochechos, numa procissão de *donuts*, e ali ficava, a inundar-nos com aquela neblina adocicada, até que o pai, terminados os trabalhos de arrumação, pegando-a pelo braço, a levava para a cama, tirando-lhe o cachimbo da boca como se tira a chucha dos bebés que transitam, dormitando, da sala para o quarto.

Apenas três dias depois de termos conseguido repor alguma normalidade nas nossas vidas, o meu avô, presciente das coisas

meteorológicas graças às deformações ósseas herdadas da guerra, avisou-nos de que não tinha articulação no corpo que não adivinhasse uma monumental batelada de água, e o meu pai, esgueirando-se para perto da escada na esperança de que um milagre nos houvesse devolvido, enxuto, o rés-do-chão, deu, a revés do seu desejo, com a água a tentar galgar os dois degraus da escada que separavam o piso de baixo do nosso e, com as mãos na cabeça como se houvesse descoberto um cadáver, voltou para junto de nós e, pegando-me a ponta dos dedos, disse, para quem o quisesse ouvir: temos de nos preparar para o pior.

Com apenas algumas horas para nos organizarmos, a fazer fé nas articulações do avô e na neurose do meu pai, tivemos de decidir, durante o intervalo que a água, por cima e por baixo, nos concedera, o que haveríamos de levar para cima, para o sótão, desabitado, onde nos esperava, debaixo das águas-furtadas que nos haveriam de presentear com uma infinidade de galos, a monotonia de uma divisão única, onde jazia como despojos de guerra tudo aquilo que, não sendo capazes de deitar fora, também não queríamos ter à vista, o nosso familiar doente, como dizia a mãe de cada vez que lá tinha de ir, fui ver o nosso familiar doente.

A chuva chegou tão depressa e com tanta violência que não tivemos tempo de executar o que planeáramos e, abraçando o que cada um sentia necessidade de preservar, fomos levando para o sótão o que pudemos de camas, comida e alguns utensílios de cozinha e, quando fechámos o alçapão que nos protegia, isolando-nos, o meu pai, sentado na esquina de um colchão e apoiando a cabeça no tecto, disse, resignado, esquecemo-nos da botija de oxigénio da avó e de muita da comida que estava no nosso quarto.

O meu avô, para quem a minha avó era tudo e tudo o resto, converteu-se imediatamente ao pânico, e, remexendo em tudo o que trouxéramos, na esperança de encontrar a



botija de oxigénio que ele jurava ver em cada superfície branca onde a lanterna de bolso fixasse o seu olho de luz, ia confortando a minha avó, passando-lhe os nós dos dedos engelhados pela cara sulcada de rugas e garantindo-lhe em voz baixa que não se preocupasse, que ia correr tudo bem, e ela, respirando aquele ar do qual apenas conseguia extrair um quinhão suficiente de oxigénio para manter à justa a execução das funções vitais, fechava os olhos e, evitando o esforço de falar, sorria, para o chão.

O meu avô ganhara as suas guelras num concurso de televisão no qual tivera de escolher, de entre uma meia dúzia de possibilidades, o seu prémio e, a despeito dos nossos incentivos para que optasse por qualquer coisa com um uso mais imediato e transmissível ao resto da família, o meu avô cismou nas guelras, que sempre quisera ter umas e que um dia ainda lhe iam dar muito jeito, disse, e os meus pais, melindrados por ele não lhes seguir a recomendação de escolher um microondas, tão jeitoso para descongelar as coisas que amiúde íamos tirando da arca frigorífica, não tiveram como mudar-lhe a ideia, e o meu avô, num esplendoroso dia de Primavera, lá recebeu em casa as suas guelras, acompanhadas de uma equipa de filmagens, que registou, para a posteridade televisiva, a entrega e a montagem das mesmas e a alegria do meu avô a respirar perfeitamente dentro de um grande balde de água. Levámos algum tempo a convencer o meu pai de que era imperioso deixar o avô recuperar a botija de oxigénio que ficara esquecida na casa alagada, muito porque o meu pai, geneticamente desconfiado de tudo quanto era produzido lá fora e sobretudo na Ásia, cismara que as guelras, apesar de novas, iriam falhar algures lá em baixo, entregando o meu avô à morte e o resto da família ao desespero, e só quando a avó deixou de sorrir como resposta ao que lhe dizíamos é que o meu pai se afastou do alçapão que dava para o primeiro andar, resignado, e permitiu que o

avô, descendo as escadas em caracol, desaparecesse por debaixo de água, deixando para trás um fogo-de-artifício de bolhas de ar.

Fomos sofrendo, como se esperássemos os resultados de uma cirurgia complexa, eu e o pai revezando-nos na tarefa de alumiar com a lanterna o alçapão de onde queríamos ver florescer os braços do meu avô a pedir-nos ajuda para subir os últimos degraus, mas daquele trejeito de poço só nos era permitido ver a escuridão contaminando tudo, num abraço tentacular, e o meu pai, passadas três horas de espera durante as quais a minha mãe derretera o desassossego em duas bojudas fornadas de tabaco holandês, desligou a lanterna e disse que fôssemos dormir, que já era tarde e que tínhamos de recuperar forças, prontificando-se a ficar de sentinela à beira do poço, e a gente obedeceu, apesar de não termos a certeza, debaixo daquele telhado sem gretas por onde anunciar a presença da atmosfera, se era dia ou noite.



Quando o meu avô regressou, já o pai dormia num caracol, à beira do poço. O avô demorara mas vinha carregado com duas botijas de oxigénio e uma mochila de campismo cheia até à boca de comida, que fez questão despejar no soalho, à nossa frente, nós que vínhamos acordando devagar do sono em que entráramos, para darmos conta, maravilhados, das pilhagens que o meu avô resgatara à fundura da água, bolachas, massas, compotas e azeite, dois grandes sacos herméticos de batatas fritas e a alegria a ser-nos restaurada aos olhos, que, no vagar daquela noite incessante, se iam abrindo como estrelas gulosas.

Nos dias que se seguiram à proeza subaquática do meu avô e abastecidos, graças a ele, de mantimentos e de oxigénio para duas semanas, pelo menos, fomos, pouco a pouco, dando forma verbal aos nossos fantasmas inconspícuos, e se estes diferiam uns dos outros, na forma e nas roupagens, eram todavia muito semelhantes na composição das entranhas

e, em cada um dos espectros, podia ler-se medo e morte, a despeito dos carnavais que cada um trajasse para passar mais facilmente pela soleira da porta da consciência, medo e morte, medo da morte, medo de morrer afogado, medo de morrer com fome, medo de morrer no paroxismo de uma pestilência bacterial qualquer, medo de perder uma perna para a gangrena, medo de perder o juízo e a fé, medo do escuro e medo da luz fria e inesperada, medo de que as águas nunca mais baixassem e medo de que, quando o fizessem, o mundo já fosse outro, tão impreparado para nós como nós para ele.

A nossa casa era a única num perímetro de vinte quilómetros, e o pai, quando escolheu o local e a mandou construir, disse-nos que só ali poderíamos ser felizes, que só ali, a salvo dos inclementes olhares alheios a que votavam a minha avó e a minha mãe

uma por arrastar sempre atrás de si uma botija de oxigénio, pela trela, como um *poodle* entrevado, e por evitar falar, não propriamente por estar tomada da misantropia, mas por ter de racionar o pouco oxigénio que lhe chegava às veias para tarefas de importância superior à conversa de circunstância, com as pessoas que, na rua, não conseguiam deixar de explorar, numa curiosidade de gatos, o que se esconde por detrás de um bom-dia

e outra, a minha mãe, por ser pronta e clínica a desmanchar, com a incisão profunda de uma frase apenas, a vacuidade banal das conversas de café nas quais as mulheres falavam e falavam como se lavassem tripas de porco à beira-rio, alimentando de um caudal de fezes o registo da cavaqueira, e das raras vezes em que ocupava ou lhe deixavam ocupar um lugar à mesa e entre duas baforadas de cachimbo rápidas a despertar o catarro alérgico de alguém, farta da instalação daquela metafísica da maledicência, levantava-se e, enquanto distribuía duas moedas de euro pelas mãos do empregado de mesa, dizia-

-lhe, para que todo o café ouvisse, que estava farta daquelas putas fingidas e que preferia passar o seu tempo à frente da jaula dos macacos, no zoológico, a fazer de alvo para o arremesso de merda

é que alguma vez poderíamos usufruir do merecido e anónimo descanso a que qualquer família tem direito, e que só ali, longe de tudo e de todos, poderíamos ter a certeza de que fechar a porta da rua equivaleria a deixar de fora de casa o corpo magro mas perigoso da maldade alheia.

Quando vieram as primeiras cheias percebemos que alimentáramos a possibilidade de deitar fora o bebé com a água do banho, dado que, sem vivalma em redor, tínhamos de velar pela nossa sobrevivência absolutamente desprovidos de uma mão amiga que se compadecesse, por empatia, da nossa desgraça, mas nem isso fez o pai ou o avô mudarem a geometria da ideia inicial, pois as cheias, regra geral, eram expectáveis e duravam no máximo duas semanas, um período durante o qual nos recolhíamos ao primeiro andar, a contar histórias e a comer enlatados, enquanto, lá fora, um espelho de água a perder de vista afogava as poucas árvores que restavam e reflectia, numa imaculada beleza, o céu, com o qual acabava por dar as mãos, lá longe no horizonte, em todas as direcções, como um grande aquário de vidro onde mesmo no meio semeassem uma casa.

Era a primeira vez que nos refugiávamos no sótão, e era a primeira vez que substituíamos as anedotas de família de que nunca nos fartávamos por um silêncio escuro do qual o meu pai era o principal representante, um silêncio que nascia dentro da barriga daquela água infinda e que subia degrau a degrau e andar a andar para, a pouco e pouco e num abraço de alcatrão, nos ir tapando a boca para tudo excepto para comer.

Passado um mês sobre a subida das águas e sem vê-las descer de nível dez centímetros que fosse, apesar da



interrupção abrupta da chuva, o meu pai, no pico da sua natural ansiedade, começou a sondar junto do meu avô a possibilidade de este lhe emprestar as guelras, dado que não se sentia à vontade para depender do velho para a tarefa comezinha de resgatar das profundezas da casa ou das imediações vizinhas um naco de pão, cada vez mais raro, ou um bidão de gasolina para fazer funcionar o gerador, que nos devolvia a ilusão de um sol anémico apenas três racionadas horas do dia.

O meu avô, lesto a despir a camisa do corpo e a dá-la a qualquer desconhecido com frio, explicou ao meu pai, vezes sem conta, a natureza peculiar e simbiótica das guelras, que não as podia extirpar de si próprio para as dar a outrem sem o prejuízo de as inutilizar, que tinham sido feitas à sua medida, avançava, e o meu pai, empossado do ceptro murcho de macho alfa daquela pequena comunidade, acabava sempre estas conversas afastando-se de nós e refugiando-se na parte mais esconsa do sótão, onde, deitado, lhe adivinhávamos o choro e a vergonha.

Passou-se muito tempo nesta rotina, talvez uns bons três meses, durante os quais, o meu avô, diariamente, mergulhava naquele poço no sótão para por ele regressar, às vezes oito horas depois, com coisas que encontrava boiando em caixas de plástico, cada vez mais longe de casa, talvez os últimos vestígios de que alguém, nalgum tempo impreciso, se teria preocupado com as pessoas daquela região submersa, fazendo cair do ar, numa sementeira de matar a fome, azeite, atum, massas e arroz, que o meu avô, a custo mas com orgulho, nos fazia chegar, dentro de invólucros suados, que esventrávamos impiedosamente no paroxismo da fraqueza.

Quando a minha avó finalmente morreu, exangue da atmosfera insuficientemente carregada de oxigénio para os seus pulmões mirrados, o meu avô deixou-se invadir pela dor como nunca antes e, abandonando-se aos cuidados de

chorar por ela, rejeitava com a ponta dos dedos os pedidos do meu pai de nos encontrar víveres, sem saber exprimir a desistência senão naquela forma muda e displicente de dizer não a tudo com as mãos ou com olhos, rastos de lágrimas, e o meu pai, incapaz de assistir impávido à multiplicação tão próxima da morte, divisou numa velha bíblia uma elegia aos que partem deste mundo e, com a ajuda inesperada da minha mãe, enrolaram a avó num lençol, à volta do qual passaram diversos atilhos e, quando o meu avô se deixou finalmente dormir, o meu pai e a minha mãe fizeram-na passar pela boca do poço pela última vez.

O meu avô não compreendeu a ausência da mulher, não compreendeu que os mortos não podem ocupar o mesmo espaço físico dos vivos, não percebeu a natureza da decomposição e do pó ao pó, para ele a mulher que morrera era, sempre e sobretudo, a mulher, e não o morrer, o morrer havia sido um acidente naquele aglomerado de atributos de que o centro era ser a mulher do meu avô, tudo o resto eram determinações secundárias que não anulavam ou minoravam a força aglutinadora da primeira, e o meu avô não queria saber da insalubridade dos odores da morte ou da instalação do *rigor mortis*, por via das quais ela nunca mais saberia devolver a saudade de um abraço, o meu avô queria a minha avó, de qualquer maneira e em qualquer estado, e a primeira coisa que fez quando acordou sem a saber perto de si foi descer pelo poço e resgatá-la do primeiro andar, onde a água ou a morte lhe haviam conferido à pele uma tonalidade de azul que, para o meu pai, não era mais do que um anúncio do céu a empossar-se-lhe da alma.

Passámos dias de muita fome, nos quais o meu pai, sob promessa de preservar o corpo da avó a despeito do avanço inexorável da morte, num deserto de putrefação, passava horas a convencer o meu avô a sair a descer pelo poço para nos trazer a surpresa grata de uma caixa de plástico cheia



nem que fosse de bolachas, e o meu avô, a contragosto, descia as escadas do sótão, sempre a olhar para a minha avó e para o meu pai, obrigando o meu pai, no silêncio cúmplice de uma mirada, a respeitar o compromisso de conservar o cadáver da minha avó na família, e malgrado a nossa espera e a esperança de que a vida pudesse prosseguir numa continuidade miraculosa de caixas de plástico, a verdade é que o meu avô regressava sempre, passadas poucas horas, de mãos vazias e incapaz de explicar aquela súbita ausência de tudo, sequioso apenas de se deitar ao lado da minha avó para destilar num choro contínuo toda aquela água que lhe entrava pelas guelras.

Já muito fracos e sem esperança

eu via tudo turvo se não me concentrasse em semicerrar os olhos

demos um dia com o meu pai a segurar um pau por cima da cabeça do meu avô e a fazer-nos um gesto para que nos calássemos, com o dedo em riste à frente dos lábios, e eu e a minha mãe assim ficámos, aturdidos com aquela imagem inesperada, e o meu pai, sem nada dizer senão com os olhos, marejados de água, desatou a bater com o pau na cabeça do meu avô, como se faz com aqueles peixes incapazes de aceitarem placidamente a morte por asfixia, e após um estertor de minutos através do qual o meu avô se despedia da vida, num silêncio contrastante com o bater cardíaco das pauladas, o meu pai sentou-se, depondo o pau ao seu lado, e ficámos assim, calados, a chorar, enquanto o meu pai, com uma navalha, tratava de retirar as guelras ao meu avô, cavando-lhe dois sulcos enormes no pescoço apenas para perceber, pouco depois e no pico do desespero, que o meu avô lhe tinha sido verdadeiro e, pousando aqueles dois bocados informes de carne em cima das feridas abertas do meu avô, olhou para nós como se já estivéssemos mortos.



HOUVE UM TEMPO NO QUAL
GRAÇAS AO SUCESSO
DO ESCRETE BRASILEIRO
MUITOS MIÚDOS AO NASCER
FORAM BAPTIZADOS DE ZICO



Já sabia que adoptar um canibal não ia ser fácil. Desde logo porque a adopção nunca é uma coisa fácil; na melhor das hipóteses tem-se alguma sorte com o adoptando e a coisa torna-se fácil. Se sucede o inverso, porém, e sem regime de devolução legalmente previsto, as coisas podem rápida e definitivamente complicar-se, o que aconteceu connosco desde que, no Verão de 2008, adoptámos um pequeno canibal, muito bonito, perfeitinho, a quem chamámos António, o nome do pai do meu marido, muito parecido, em tudo e sobremaneira na cor, com o pequeno António, o qual, ao sair do quarto exíguo do orfanato, ocupado em regime de isolamento, nos sorria numa ternura à qual seríamos sempre incapazes de resistir.

No regresso para casa começaram os problemas. O António vinha no banco de trás do carro, na cadeira que fora da Rita, atadinho, composto, a salvo dos acidentes que florescem um pouco por toda a parte nas estradas portuguesas, e, não sei se por subestimar-lhe a força ou a inteligência, quando demos conta o António já se tinha livrado dos pequenos cintos de segurança da cadeirinha e andava no banco de trás, à procura do Nero, ao que parece, um *poodle* de pequeno porte, prenda da minha mãe, em 2003, no pico de uma grande depressão, altura em que lhe segredei, nunca mais me esqueço

mãe, eu já não gosto do Henrique, mãe eu nem dos meus filhos gosto, já não posso ver pessoas ao que a minha mãe, pragmática até aos cabelos, respondeu, com muita calma,

tu precisas é de um bicho, de uma distracção, há três meses que não saís da cama e assim apareceu o Nero, um cão fidelíssimo a inundar-me de mimo o dia todo, assumindo uma quota-parte fundamental da minha recuperação e fazendo as delícias dos miúdos, que se entretinham a desenhar-lhe caracóis, canudos e tranças e os mais rocambolescos penteados,

maldades às quais ele se sujeitava como só o amor incondicional de um cão permite.

O pequeno António era muito mais rápido do que a gente se dera conta no orfanato e, aproximando-se do Nero

olha amor, ainda vão ser melhores amigos, confidenciava ao Henrique, abocanhou-lhe a pata direita dianteira e o pobre bicho desatou numa algazarra de uivos que nos iam causando um acidente

o que se passa aí atrás, Marta, por amor-dedeus, o que se passa e eu tive de sossegar o Henrique enquanto me esgueirava por cima dos bancos para acudir o Nero

não é nada, Henrique, olha para a frente e conduz, que eu trato disto

e quando consegui chegar perto do António e do Nero, o pequeno tinha na boca a extremidade dianteira da pata direita, e o pobre Nero, num desconsolo incessante, uivava, enquanto fazia para se afastar o mais possível do António, cujo sorriso nem a evidente malfeitoria conseguira desfazer, e muito a custo

abra lá a boquinha, menino, aí que o menino é mau e não vai ter prendas este Natal consegui tirar-lhe da boca a pata do Nero, e o miúdo ficou-se, aturdido por desconhecer a razão pela qual eu o desapossava de qualquer coisa que, não pertencendo já ao Nero, não podia ser senão de quem a reclamasse primeiro, o que era obviamente o seu caso.

No hospital disseram-nos que a pata estava demasiado moída para ser de novo suturada e fomos obrigados a deixar o Nero aos cuidados dos cirurgiões para estes lhe comporem o coto e lhe enxertarem uma prótese. Quando nos perguntaram como tinha sido, dissemos que o cão tinha ficado com a pata presa na porta, um lamentável engano que pode ocorrer a qualquer pessoa apressada, como era o nosso caso, reafirmámos, e como o António estava dentro



do carro, bem acondicionado na cadeira graças a um cadeado de mota encontrado no porta-bagagens e que seria uma presença constante nas nossas viagens com ele, daí em diante, os médicos, apesar de desconfiados pela forma como o osso fora cortado e não esmagado, como se esperaria ser o resultado de uma monumental esborrachadela, não puderam senão lamentar-se, como nós, pelo pobre cão, que, mesmo à saída do Verão, perdera a patita num acidente de viação, e rimo--nos todos quando demos conta das rimas acidentais que transformavam o desastre num *jingle* televisivo.

Chegando a casa, semiesquecêramos o incidente com o cão. Graças a umas toalhitas que viajavam sempre connosco, por causa das miúdas que tanto deixavam cair uma bola de gelado sobre os tapetes do carro como não retinham o xixi se comesçassem na espiral das risadas, normalmente contidas apenas depois de um par de berros ou de umas lamparinas, ou, em casos reticentes, de ambos, limpei uma discreta gota de sangue da cara redonda do António e, passando-lhe a mão pelo cabelo durante o resto da viagem, senti que ele, pouco a pouco, acabaria por pertencer à família, de uma forma tão indistinguível como aqueles que já haviam nascido dentro dela.

As miúdas apaixonaram-se pelo António mal o viram, e a história de o Nero ter ficado no hospital porque lhe caíra uma patinha, como às vezes caem os dentes aos meninos, passou inesperadamente a jusante do barómetro de tretas parentais que cada uma delas mantinha afinado. Em pouco tempo o miúdo estava coberto de beijos e pronto a ser despido, vestido e convertido em mais um elemento do circuito de jogos de cada uma delas, e disputavam-no com a ferocidade com que se acolhe um brinquedo de destino indeterminado, e foi só quando o António ferrou os dentes na Rita, fazendo-lhe uma pequena ferida semicircular para ela agora exhibir às colegas de Escola

foi o meu irmão novo, e ele é pior do que os vossos, e eu já não tenho medo de vocês, trá-lá-lá-lará que a brincadeira de competir pelo pequeno como se se tratasse de uma tablete de chocolate ou de uma oferta para os primos terminou.

Depois de perscrutada a ferida da Rita, a quem não dávamos calado

mau, António, não morde na mana, querido, sente-se na cadeira e não saía daí

verificámos que as marcas dos dentes, triangulares, só podiam corresponder a uma armação dentária modificada de alguma forma, como percebeu logo Henrique, fartinho de papar *National Geographics* aos domingos à tarde, estendido no sofá enquanto eu e as miúdas íamos passear, invariavelmente sem ele, atacado de uma indisposição no trânsito intestinal, aliviada logo que eu e as pequenas cruzávamos a porta de saída, e o Henrique mal formulou a hipótese foi pô-la à prova e, abrindo com cuidado a boca do António, chamou-me, para verificarmos, maravilhados, a eclosão regular de duas fileiras de pequenas pirâmides afiadas, capazes de, no limite, funcionarem como um serrote muito razoável. Parecia óbvio para ambos o facto de ninguém nascer com aquele tipo de dentadura, consequência nefasta, com grande probabilidade, da indiferença a que o miúdo teria sido votado no orfanato, suficiente para ele próprio ou algum adulto terem tido tempo e privacidade para lhe limar assim os dentes. Ficámos desgostosos, eu e o Henrique, porque não tinham sido correctos connosco quando fizemos perguntas sobre o António, se ele tinha alguma coisa de especial, de comportamento, de marca de nascença ou adquirida, de alergias, e a assistente social, aquela panhonha com ar de tédio perpétuo, podia ter dito

ah, agora que me lembro, ele tem uns dentes que parece um tubarão, já viu, abra a boca, menino, mostre aos senhores



mas não, era a conversa do canibal para aqui e para ali, como se um conceito tão amplo se pudesse desformalizar por si só em tudo quanto é necessário saber de e sobre canibais, e a mim e ao Henrique a conversa indisponha-nos tanto que estivemos a um nadinha de pôr o António no carro para o entregar no orfanato, com a advertência de não se tentar enganar as pessoas de coração aberto, sobretudo essas, que tão poucas há, sobretudo essas.

Depois de dar banho ao António e de a Rita já achar piada à sua primeira ferida de guerra, fomos todos jantar um repimpado lombo no forno posto a fazer antes de sair de casa e cujo cheiro já atraía a fome e os vizinhos há pelo menos uma hora, ele que tinha ficado a assar em lume muito brando para a carne ficar macia, ironicamente por causa do miúdo, porque a gente quando o fora buscar não sabia se ele tinha dentes para comer o costumeiro bife do pojadouro. O António cheirou e cheirou o lombo e as batatas e a salada mas não comeu quase nada. Apenas umas colheradas a custo enfiadas na boca, enquanto a mais velha lhe fazia umas caretas mesmo à frente do nariz. Se calhar é do tempero, pensei, ou mesmo dos hábitos alimentares anteriores, não nos precisaram se seria difícil converter-lhe o palato, de canibal para, pelo menos, carnívoro, e daí, com sorte e insistência, para omnívoro, a situação ideal para não ter de fazer sempre duas refeições diferentes.

Com isto em mente fomos deitá-lo, pouco passava das dez, imaginando-o cansado, e pusemos-lhe uns lenços à volta dos pulsos para ele não sair da cama de grades, dado não conseguirmos aferir o perigo que ele podia ser para si próprio ou para os outros, tudo de acordo com as instruções ministradas no orfanato, mas o miúdo não achou piada nenhuma e desatou num berreiro tão prolongado e peculiar

eu nunca tinha ouvido uma criança chorar assim, as crianças não choram assim, vos garanto que tivemos de lhe fechar a porta e de lhe pôr uma grande

almofada à soleira, para que os gritos vazassem o menos possível para o corredor e de lá para os quartos e dos quartos para a rua e desta para o mundo, e não dormimos nada, nem eu e o Henrique nem as piolhas, que, de manhã, nos diziam, com o lábio pendido e umas olheiras a chegarem-lhes aos joelhos

não podemos devolvê-lo, mãe, só para a gente dormir, mãe?

E a gente a explicar-lhes que as coisas não funcionavam assim, a gente não tinha devolvido a Rita quando ela chumbara na terceira classe, assim como não havíamos recambiado a Raquel quando a apanháramos no guarda-roupa com um Francisco qualquer, aos namoricos, com aquela idade

é mentira, insurgia-se a Raquel, é mentira, vocês são maus

e não interessa, atalhava a moralizar, se é mentira ou é verdade, o que interessa é o António ser da família agora e não o vamos devolver nem por nada, perceberam, e elas abanavam a cabeça afirmativamente, sem grande convicção, e a fome, sucedendo-se ao sono, lá acabava por dissolver a contrariedade que cada uma trazia da cama e, juntando-nos todos à mesa

incluindo o António, trazido pela mão do Henrique

acabámos por ter o nosso primeiro pequeno-almoço de família renovada, excepção feita ao Nero, e ainda assim foi bom, apesar de o António ter comido muito pouco das tostas de fiambre.

Os dias foram passando sem melhorarmos a nossa enjeitada situação inicial. O António continuava a não conseguir dormir e mal comia, talvez à justa para se manter vivo, o que, num rapaz da idade dele, podia condicionar o aparecimento de diversos problemas no futuro, nomeadamente de crescimento e de inteligência, e isso afligia-me sobremaneira, dado não querer inaugurar a pertença de cretinos à família, situação virgem tanto do meu



lado como do lado do Henrique. As miúdas, essas, andavam desoladas e faziam tanto quanto podiam, junto de nós, para que devolvêssemos o António para onde o tínhamos arranjado, sob pretexto de que ele não se adaptava, diziam elas em coro, o que até era verdade, sublinhava a mais velha, enquanto a Rita, abanando a cabeça afirmativamente, se deixava dormir com um bocado de pão na boca.

Tentámos um dia deixá-lo desatado à noite, trancando apenas a porta do quarto. Queríamos perceber, no fundo, se eram os atilhos a incomodá-lo ou se era a pertença a uma casa estranha. Foi horrível. Toda a noite o ouvimos bater com as mãos e com a cabeça na porta, e à medida que aquele ruído instalado se intensificava, a nossa coragem para lá ir diminuía para níveis submétricos. O miúdo esteve a noite toda naquilo, intercalando períodos de acalmia, nos quais os nossos olhos se iam fechando com o peso do sono, com períodos de uma intensidade e de um frenesim tais que eu estive mesmo a pensar dizer ao Henrique para fechar a nossa porta, com medo de ele a derrubar e de nos atacar já ali, na cama, onde indefesos nos esquartejaria, para que as miúdas, num acesso traumático à realidade sem panos diáfanos, nos encontrassem desfeitos, pela manhã.

O António acabou por magoar-se com alguma gravidade, naquela noite, dada a insistência com que fez da cabeça, martelo, e da porta, prego. Tinha grandes nódoas roxas na testa, quando o Henrique o foi buscar, e respirava muito superficialmente, pelo que decidimos meter-nos no carro com ele e levá-lo a uma tia que é médica, porque se fôssemos com ele a um hospital decerto nos acusavam de negligência, no mínimo, e de maus tratos, se o quisessem, e num ápice ficávamos sem a custódia dele e com uma carga de trabalhos às costas, situação da qual não precisávamos de todo.

A tia Isabel, mal o viu, levou as mãos à boca de espanto: éramos malucos, dizia, por termos deixado o miúdo chegar àquele ponto de subnutrição e de ferimentos, e a gente

ripostava como era possível, tentando fazer-lhe ver o facto de o miúdo ser muito complicado, de já não dormirmos há uma semana, e se ela podia fazer alguma coisa, perguntávamos, porque levá-lo a um hospital seria o equivalente a declarar-nos culpados de qualquer coisa para a qual não tínhamos concorrido senão por acidente, e a tia Isabel, a refazer-se do choque, no pragmatismo típico dos médicos, dizia-nos que nos fôssemos, ela logo ligava e que o miúdo precisava de atenção, porquanto quanto mais cedo abalássemos melhor, porque tinha coisas para fazer e gente para tratar.

Nos dias seguintes as pessoas dormiram lá em casa, como há muito não se dormia, e comeram, e riram, e o António parecia ter sido apenas um pesadelo colectivamente infiltrado, e até o Nero, sapateando do alto da sua prótese um andar que vinha aperfeiçoando, parecia alheio à necessidade de possuir os quatro membros, bastando-lhe, para compensar, ter uma casa cheia de gente pronta a mimá-lo de manhã à noite, mal ele soltava um ganido por se ter deixado enrolar no cestinho onde dormia.

Numa noite qualquer fui deitar-me depois de comer em demasia, tão enfiada como ensonada, e acordei, lá para as três da manhã, com a ideia de já não sabermos do António fazia pelo menos uma semana, desde o último telefonema da tia Isabel, para ser mais precisa, apenas uns dias depois de lá o deixarmos, no qual ela dizia que o miúdo recuperava bem, apesar de não ser a melhor boca a passar-lhe à frente da colher. Não acordei o Henrique, por compaixão, mas inseri um alarme no telemóvel para, às oito da manhã, me lembrar de lhe dizer: passa pela Isabel, compra um bolo e flores, e vê como está o miúdo, malgrado não ter pressa de que ele o trouxesse para casa, e isso ficasse, como sempre, na região do não-dito.

As miúdas andavam tão contentes que não tive coragem de lhes dizer que o António estaria provavelmente de volta antes do cair da noite, porque o pai o fora buscar à casa da tia Isabel. Deixei o dia correr e, não podendo contornar



o problema, acabei por não antecipá-lo. Quando chegasse a altura, quebrar-se-ia a queratina de paraíso a prazo. Até lá, era o que tínhamos, e era bom.

Quando o Henrique chegou a casa já a noite tinha entrado. As miúdas comiam o jantar na cozinha, uma massa bolonhesa que se entretinham a dividir com o cão. O Henrique, em chegando do carro, esbaforido, apenas me dizia, senta-se, senta-te que vais perceber, e eu sentava-me, procurando o comando para baixar o som da televisão e ouvi-lo melhor, mas ele, nervosamente, tirava-mo da mão, está bom assim, dizia, para elas não ouvirem nada, e apontava para as miúdas na cozinha, e eu, de coração apressado pela estranheza das suas feições, já só o mandava falar, por favor, o que se passa, e ele com as mãos a sossegarem as minhas: quando cheguei lá ninguém atendia, à casa da tia, intercalava, sim, à casa da tia, ninguém respondia, mas eu sabia que ela era mulher de ter uma chave algures debaixo do tapete ou de um vaso, e assim foi, encontrei a chave debaixo do vaso e entrei, e nem te quero contar o que lá vi, depois de andar às escuras pelos quartos à procura dela e do miúdo, quando cheguei ao quarto dela, às apalpadelas, e acendi as luzes é que a vi, nem tenho palavras,

continua, por favor, Henrique, continua
esventrada em cima da cama, aberta com
o que parecia uma grande faca, e das sombras do quarto
saiu o António, com a boca cheia de sangue mas muito
calmo, a agarrar-se à minha perna como um cão que não
visse dono há muito tempo, e eu a custo a conter o vómito
e que fizeste, não os trouxeste para cá
não, não
graças a deus, mas então onde ficaram
tentei levá-lo primeiro a ele, para dentro
do carro, depois de grosseiramente lhe lavar a boca e os
braços e de lhe enfiar uma camisola velha pelo pescoço,
mas ele não vinha, eu cheio de medo de ele ter outra faca,

eu que já tinha escondido aquela,
e a tia Isabel parada, morta, tanta coisa sai
de dentro de um corpo, Marta
morta, tens a certeza, não chamaste a
ambulância

morta como os mortos, Marta, e o miúdo
só se mexeu quando eu comecei a puxar pelos pés da tia, que
não ia deixá-la ali a apodrecer, sabe-se lá há quantos dias
já estava morta, e quando a enrolei no tapete para levá-la
ele seguiu-me como se eu estivesse muito normalmente a
carregar-lhe a mochila para a escola, e fomos pelo elevador,
céus, eu apavorado que aparecesse alguém

que miúdo tão bonito, e esse tapete, não é
da doutora Isabel, para onde o leva
céus, já viste o que as pessoas iam pensar de nós, mas felizmente
era hora do almoço e não apareceu ninguém, lá nos
metemos dentro do carro, e eu fui chorando o caminho
todo até sair de Lisboa,

saíste de Lisboa, mas não chamaste ambu-
lância, Henrique

Ela estava morta, mulher, ganhávamos o
quê com isso

além disso querias que o trouxesse para
cá, depois de tudo isto, não, querido, fizeste bem, foste
para onde, com eles, para o mato sei lá, nem me lembro
como fui lá parar, depois de tanto conduzir com os olhos
inchados de tanto chorar, sei que era um pinhal qualquer
no sul, talvez em Loulé, certamente longe, porque conduzi
sem parar, acho que até fiz xixi nas calças, o miúdo já
dormia na cadeira da Rita, e quando senti que já estava
muito longe, deu-me uma coisa, nem pensei, parei o carro
devagar e fui lá atrás à mala e despejei o corpo da tia Isabel
numa vala onde o pinhal já se confundia com o mar, perto
de uma escarpa que há de levá-la,
deus a tenha,



para o mar, só não vai cremada, como sempre quis, mas pelo menos vai para o mar

às vezes não se pode ter tudo, fizeste o teu melhor, e ele, o António

abri a porta do carro, do lado dele, tirei-lhe o cadeado e levei-o ao colo,

que ele nem parece nada perigoso a dormir, parece um anjinho, havias de o ver a encarachar-se no meu colo, Marta

e logo o deitei no chão, ainda ele estremeu para acordar, e me armei de um calhau grande e amarelo para lhe esmagar a cabeça, e tive-o por cima de mim pelo menos um minuto e meio, era pesado que se fartava, mas o miúdo abriu os olhos e começou a sorrir-me e não fui capaz, atirei a pedra para o chão ao lado dele, corri para o carro e dei à chave, mas ele correu atrás de mim, a tentar abrir a porta que eu fechara por dentro, e do retrovisor vi-o sumir-se numa nuvem de pó e areia e agora só me lembro dos gritos que ele dava,

nunca ouvi uma criança gritar assim, as crianças não gritam assim, te garanto

fizeste bem, Henrique, fizeste bem, haverá quem tome conta dele, talvez um caçador

e só ouço os gritos quando fecho os olhos, assim que os fecho, e não os quero fechar, percebes

ele vai ficar bem, é rijo, vais ver, um dia ainda nos agradece, mesmo sem nos conhecer, fizeste bem

assim que fecho os olhos, percebes, são aqueles gritos que não têm fundura nem explicação e nunca mais quero fechar os olhos, percebes

chui, calma, agora vai tudo correr bem, vai tudo correr bem.



QUANDO SE PÔS O MEU IRMÃO FORA DE CASA

PARA A TERESA FALCÃO



Não me lembro exactamente o que motivou as discussões entre o meu pai e o meu irmão, que chegavam a durar dias a fio, pairando sobre o almoço, sobre a televisão no volume máximo, sobre a hora do banho

um ficava à porta a desenrolar argumentos atrás de argumentos enquanto o outro gritava, de dentro da casa de banho

não te ouço, não te ouço!

E foi assim durante muito tempo, até nos esquecermos, a minha mãe e eu

e o Nero, o cão em miniatura, que tremia não se sabe nunca se de frio ou de medo

de que havia sido de outra forma, de que nos tínhamos dado bem, até certa altura e de que, repentinamente

ninguém se lembra do quando ou do como se instalou lá em casa a discórdia, essa voz de muitas vozes, às vezes na boca do meu pai mas, na maior parte do tempo, a orientar as palavras cada vez mais estranhas do meu irmão

cada vez mais herméticas, mais políticas, mais talhadas de um sentido unicamente acessível a estudiosos ou a fiéis e por ali ficou, anos a fio, a cabriolar entre um e outro até que o meu pai, num acesso de fúria como nunca lhe tínhamos visto, pôs o meu irmão fora de casa, aos repelões, enquanto gritava, no paroxismo da raiva

anda cá, meu camelo, anda cá

e com isso lhe abria e fechava a porta na cara, pondo um abrupto e inesperado fim a um sem-número de anos de um contencioso verbal ironicamente resolvido à chapada.

Nos dias seguintes a o meu irmão ter sido posto na rua, a minha mãe

mais do que eu, porque o meu irmão, antes de pelear sem fim com o meu pai, cascava-me no toutiço, e eu não tenho tendência a esquecer, especialmente quando mas fazem e não mas pagam

andava pela casa, choramingona, a arrastar-se da cozinha para sala com um tabuleiro de tigelas de sopa entre as quais a malga do Rogério aparecia sempre, num apontamento silencioso que, somado às lágrimas, pontuava tão categoricamente como a minha mãe sabia ou podia o repúdio pela decisão do meu pai, ele sorvendo, em silêncio e de olhos quase fechados, o creme de cenouras da minha mãe, o dele e o do Rogério, logo em seguida, para lhe mostrar, pela boçalidade das rotinas que eclodem no luto, a natureza da insubstituibilidade e o facto de, lá em casa, ser ele a mandar, credo que a minha mãe sabia mas que de vez em quando se esquecia de professar.

Eu fiquei com o quarto do Rogério e o meu quarto foi ocupado pelo Nero, depois de o vazarmos da traquitana infantil com a qual a minha mãe nos recebeu no mundo: ursos de peluche, berços em madeira maciça que ela fazia questão de dizer ter sido o pai dela a pintar, vendo-se à lonjura da distância que o velhote, diabético, meio parvo e inteiramente cego, nunca seria capaz de pintar o que quer que fosse, mesmo a parede branca de uma casa branca, e a gente apenas acedia, fazíamos que sim com a cabeça, como o meu pai, o único que podia calar sem anuir, e, aos poucos, os insidiosos mitos de família iam compondo a arqueologia dos Silva, para um dia mais tarde, na altura das partilhas, alguém com mais coração do que cérebro embevecer, diante das cornucópias enjeitadas dos berços de madeira

foi a minha mãe quem os pintou, disso estou certo, ela que coleciona coisas com cornucópias porque diz que lhe dão sorte, foi ela a pintá-los, e o candeeiro, que, pela lenda doméstica, o tio tinha estampado de borboletas exóticas, provavelmente num surto abstémio de cuja duração ninguém há-de ter dado conta, o tio Esticão que lavava o bucho de manhã com sete bagaços, só para deixar de tremer, e as mesinhas de cabeceira, integralmente



brancas e integralmente lacadas, um brilho de neve a cegar-nos quando dávamos com o interruptor, eram prenda, segundo consta, do avô Adalberto, mau como as cobras mas reputado pintor, a julgar pela amplitude de braços e pelas nódoas de sangue com que decorava as paredes, impedindo a tia Nucha de as limpar, não fosse dar-lhe um esquecimento dos motivos pelos quais tinham sido feitas e dizer, eu fico com isto, foi o meu bisavô a fazê-lo com as próprias mãos, podes ficar com as pratas que eu fico com isto, e tenho tanta pena de só o ter conhecido pelas palavras tão bondosas e justas da minha avó, frase após a qual se alagaria a sala de um mar de gargalhadas através do qual os Silva davam por expurgados a culpa o pecado que, de geração em geração, como tudo quando é ocidental e está submetido ao tempo, vêm engordando.

Num dia de Inverno, à tarde, davam na televisão as notícias que o meu pai devorava, quatro vezes ao dia, como um remédio, o meu irmão apareceu à janela do rés-do-chão, dele se via apenas parte do nariz e os olhos, e uma testa muito grande

toda a gente lhe gozava a testa, a toda a hora, tão marca de água dele como a ironia era dos Silva mas eu topei-o logo e ele percebeu, e sorriu com os olhos, pondo-se ligeiramente de bicos de pés para que lhe visse um pouco mais da cara e eu chamei a mãe, em primeiro

mãe, mãe, venha cá, é o mano, é o mano e a minha mãe apareceu com uma travessa na mão, e não achando lugar para a deixar na pressa de chegar à sala deixou-a cair, como nos melhores filmes a preto e branco de que me lembrava, atrapalhada pelas lágrimas a descerem-lhe pela cordilheira das rugas que a cara, numa nobreza de monumento, ostentava, e cobrindo a boca com ambas as mãos para conter os gritos como se impedisse a fuga de um mar de pássaros, acabava por dizer, já sentada numa cadeira que o meu pai pusera por detrás dela

ele que assistia a tudo pouco impressionado, com um olho nas notícias e outro no inesperado acontecimento doméstico

meus deus, Rogério, és mesmo tu, meu querido, e estás tão magro, Rogério, e tão mais belo, a minha mãe, quando lhe davam os nervos, voltava-lhe à boca a pronúncia das Beiras, que ela, graças a largos anos de destreino, tinha conseguido, a custo, mitigar.

O meu pai, apenas a minha mãe tinha acabado de se sentar, correu as venezianas da sala e o Rogério desapareceu numa tristeza de espectro, ficou apenas a sombra do sorriso, como as manchas brancas remanescentes depois de pressionarmos as pálpebras fechadas durante muito tempo, e a minha mãe, encolhida na cadeira sem ter ânimo para se levantar, só dizia ao meu pai: ele é teu filho, Henrique, não o desprezes, abre-lhe pelo menos a janela, e o meu pai, furioso: cala-te, Marta, cala-te ou faço-te o mesmo e assim deixas de lhe sentir a falta, estás a ouvir?

Aos poucos, a minha mãe e a sua insistência na tristeza perante a janela sempre fechada, declinada aqui e ali em curtos suspiros pelos quais sorvia o sal das lágrimas que escondia do meu pai, acabou por dar frutos. Estávamos todos em casa, a ver o preço certo,

que era o programa preferido do meu pai logo depois dos noticiários, constituindo-se aquela sequência de concurso + telejornal, desde que tenho memória, como o ponto alto do dia dele e o alargado período de tempo em que ninguém podia falar lá em casa, ou sequer pensar em aspirar ou mesmo lavar a roupa, permanecíamos num silêncio sepulcral mais de hora e meia, gramássemos ou não o gordo a dizer disparates

e o meu pai, naquele dia, levantando-se, no intervalo entre o gordo e o noticiário, abriu as venezianas, inexpressivamente, apenas o suficiente para verificarmos que o Rogério ainda lá estava, a sorrir com os olhos como nos ficou a parecer,



de repente e durante muito tempo subsequente, a forma mais correcta de sorrir, e, virando-se para a minha mãe, apenas disse: o miúdo tem o direito a saber o que se passa no mundo, e o meu irmão, a partir daquele dia, pôde assistir aos quatro telejornais a que assistíamos, como em família, como dantes.

A minha mãe, muito contente à hora do telejornal e muito deprimida o resto do tempo, cirandava pela casa acoplada a uma vassoura ou a um pano do pó e só sabia ser feliz quando o meu pai, em silêncio, se levantava do sofá para revelar a testa muito expressiva do meu irmão, toda franzida da felicidade de nos ver, e durante aqueles quarenta e cinco minutos de guerra em directo e violações em diferido, éramos uma família catita, e às vezes até nos ríamos em conjunto, o meu pai muito alto, quando davam os apanhados no final da emissão, e a família toda seguindo-lhe o rasto da gargalhada, até o meu irmão lá fora saltitava no mesmo sítio, para grande contentamento da minha mãe, que batia palmas e apontava para a janela, de lágrima no olho mesmo à espera de rebentar.

O meu pai começou por fingir-se esquecido e deixou abertas as venezianas um par de vezes, a seguir ao jornal da uma, e o meu irmão, pouco a pouco, foi sendo reintegrado no horário da família. A minha mãe nada dizia, mas a alegria fátua eclodia dentro dela como um fogo-de-artifício, e parecia até mais nova, muito mais nova do que o Rogério, que a exposição ao frio e à atmosfera fazia cada vez mais velho, cada vez mais a caminho de ser o pai, os cabelos grisalhos e desgrenhados a ralearem no topo da cabeça como a relva nalguns campos de futebol da distrital

a única liga que o meu pai via, num canal qualquer de cabo, na posição oitocentos e muitos, por achar que só os amadores conservavam o coração no sítio, e para a definição do sítio não se socorria da geografia das coisas mas da topografia das almas, que ter o coração no sítio

era gostar mais do clube do que de si próprio, coisa apenas posta à prova quando, por exemplo, algum clube mais abastado acenasse com uma dúzia de notas às quais quase todos os jogadores respondiam afirmativamente

por terem aquele desalinho no coração de que o pai falava sempre

todos menos os que ficavam e que o meu pai, num profundo e solene respeito, passava a admirar eternamente.

Certa vez, quando o meu irmão já tinha o direito a escotilha aberta durante todo o dia

corriam-lhe as venezianas à noite, como a um cão que se adopta somente a meio

apareceu junto dele, mesmo ao lado mas ligeiramente mais baixo, um rosto de mulher, a mãe foi a primeira a dar-se conta: ó Henrique, não é uma miúda que está ali ao lado do Rogério, não te parece, não é um homem, pois não, que deus não me dê este desgosto

e com isso fechava as mãozinhas, levando-as, e aos olhos, ao céu

e o meu pai, ferido no inconsciente colectivo da sua masculinidade, dizia, em jeito de reprimenda para a minha mãe: claro que é uma miúda, raios partam, é uma miúda e é boa, bem mais do que tu eras naquelas idades, não vês logo, e terminava a sentença assentando, no rabo da minha mãe, uma palmada que soava a ponto de exclamação.

Rapidamente incorporámos na família a namorada do Rogério, que a mãe insistia em tratar por filha para o pai logo replicar, zangado: não dei conta de teres parido esta, estás a ouvir, a não ser que eu não saiba, e aí já é outra história, ouviste, o meu pai que terminava quase todas as frases interrogativamente, como os professores primários à cata dos distraídos

o seu filho, Sr. Silva, é muito esperto, mas muito cabeça-no-ar, percebe

o meu pai, de repente orgulhoso do Rogério, a olhar lá



para fora mais vezes do que antes, a mirá-lo a ele e a ela, a enternecer-se deles como dos animais nos documentários que a gente às vezes via antes do telejornal, quando na RTP2 ainda davam as séries que a BBC já só conseguia vender aos tunisinos e a nós, segundo o meu pai, porque as novas

as boas, dizia ele, gravadas em alta definição com câmaras que apanham duzentos fotogramas por segundo vão para os países civilizados, meus meninos, para onde vocês deviam também imigrar e o meu irmão, logo

emigrar, pai, emigrar, que imigrar é para dentro

de olhos fechados, parecia ouvi-los e o meu pai, iracundo, a sorver o esparguete como um cão a pender longos cordões de baba, assentava-lhe uma galheta no perfil, com as costas da mão, tal qual o apanhasse, e começava logo ali uma troca de mimos que só amainava uma semana depois, já com eles de garganta completamente irritada e ausente de sons.

Durante algum tempo vivemos felizes. A minha mãe, pastoreando sempre o triplo dos nossos sonhos, já se entretinha a desocupar mentalmente o Nero do quarto onde este dormia, um cão minúsculo e escuro, enrolado sobre si próprio exactamente a meio do quarto, como a tampa do ralo de uma banheira, e dava a sensação, quando eu passava por lá, de que bastava o cão levantar-se para toda a casa ser sorvida por aquela fenda imaginária da qual o Nero nos defendia, e reapareceríamos, dias ou semanas mais tarde, do outro lado do mundo, assim que alguém

numa curiosidade de porco-trufeiro, atento às barrigas de todas as pedras e ao que elas escondem por debaixo revirasse o calhau no topo da cratera de onde vem o nosso abismo.

A luta da minha mãe, exercendo junto do meu pai um *lobbying* constante para devolver o quarto do Nero ao

Rogério, nunca frutificara como ela desejava, porque o meu pai, equipado de série com o seu sentido de justiça assaz particular, não considerava que o meu irmão, ausentando-se sempre de um pedido de desculpas pelo sucedido, estivesse em condições de reocupar a posição central de filho mais velho, sobretudo depois de tanto tempo passado lá fora e de entranhar decerto hábitos estranhos, já para não falar das roupas e dos costumes novos, e até da língua, desconhecendo nós, frisava o pai, se ele se exprimia na nossa língua ou noutra qualquer igualmente falada lá fora: não, Marta, voltava o velho, isto não tem condições para resultar, percebes, e ali se findava a conversa, suspensa como um chapéu no gancho do ponto de interrogação.

O que acabou por sentenciar a argumentação foi decerto mesmo que pai e mãe digam o contrário e que não assumam um o receio e o outro o preconceito o nascimento do filho do Rogério e da namorada



a quem a gente já se referia como mulher, apesar da ausência de anel na mão esquerda que provocava, de cada vez que ela se alçava no parapeito com a ponta dos dedos, algum desconforto social à minha mãe, crente no casamento, sobretudo para a senhora, como única justificação para estar com um homem a sós

um pequeno muito enfezado que recebemos no final de Janeiro, chovia a cântaros e eles felicíssimos e nós sem saber porquê

o pai já remordia qualquer coisa sobre drogas, e falava em fechar de novo as venezianas até que eles o meteram à altura da janela e o vimos, a minha mãe primeiro,

olha Henrique, olha, não é um menino que o Rogério tem ali nos braços, a olhar para a gente, Henrique, tira o sentido da televisão e olha, que bonito, e o meu pai pôs-se a olhar, de facto, a ajeitar os óculos pelos quais via melhor ao longe ou ao perto, que nem eu

nem ele sabíamos muito bem quais eram quais até ele os pôr e concluir que serviam ou não para a tarefa a que se dispunha, o meu pai a franzir a testa, muito atento, até se lhe iluminar na cara um sorriso inesperado, que acabava por declinar-se numa frase a que pedia emprestado o sotaque da minha mãe: carago, já sou abô... e em casa fez-se a festa, abriu-se o espumante que sobrevivera incólume a oito passagens de ano e a única forma de a tristeza atanchar-se na África do nosso contentamento surgiu quando o meu pai disse: agora não podem mesmo ocupar o quarto do Nero, que são três e lá só cabem, à justa e magros, dois, não é Marta, e a Marta teve de dizer que sim com a cabeça, ainda que o coração se lhe vazasse pelos olhos, não porque concordasse com o cartesianismo patriarcal, mas porque, para si, o seu filho já era um homem, capaz de fazer filhos e não um menino que ela, uma noite, recolhesse em braços na clandestinidade de um abraço dado à janela.

Os Silva viveram durante mais de dois anos em sincronias diferentes. Os de dentro gozavam da relativa calma que se afunda sobre uma casa assim que as necessidades burguesas

o nome dado pelo meu pai a tudo quanto não tinha de ser comprado a crédito
se viam minimamente satisfeitas; os do exterior apareciam-nos de manhã, assim que abríamos as venezianas do primeiro noticiário

ou às vezes antes, quando o meu pai acordava mais tarde

magros e olheirentos e felizes, ainda assim felizes, a atirarem o pimpolho pelos ares e a brandirem-no à janela como quem segura o estandarte pelo qual o futuro, essa terra bravia e desconhecida, vai ser ocupada e fendida pela vontade humana, visto ser possível, onde haja homem, fazer um mar ou desfazer o orgulho íngreme de uma montanha.

A minha mãe, às escondidas do velho, cada vez mais rabugento com a idade, levantava-se à noite e, sem coragem para subir as venezianas, metia lá os dedos e abria uma a uma para ver o que fazia aquela família ancorada à nossa janela, se dormiam bem ou se, pelo contrário, o miúdo lhes dava trabalhos de noite, e às vezes encontrava uma coisa e outras vezes outra diversa, e ia assim acompanhando o crescimento do pequeno, a quem a gente chamava Adolfo, por imposição do meu pai, que achava o miúdo parecido com um avô dele que cumprira, pelo que se pode saber pela lenda familiar dos Silva, grande feitos heróicos no tempo da segunda grande guerra, a matar ou a salvar pessoas, coisas confusas para o meu pai, já que, na cabeça dele, ambas eram só a cara e a coroa da mesma moeda.



Quando aconteceu a desgraça, já tinha novamente sossegado o burburinho que se instalara por causa de aquela criatura, como um prisma, se ter introduzido na nossa vida, como neto para mãe e para o pai e como sobrinho para mim, ocupando, com aquele corpo minúsculo do qual brotavam os braços e as pernas em constantes estertores de frio ou de fome, o coração de cada um nós, que já não sabia a geografia da circulação do sangue, se ao nosso sangue aquele fosse retirado. A isto, resumia o meu pai, chama-se família, e batia no braço da cadeira com alguma força, por substituir a normal interrogação pela afirmação expressiva.

Um dia igual aos outros acordámos, e a minha mãe, como sempre, foi a primeira à reparar que Rogério e mulher estavam virados um para o outro e não para nós, como era costume, dado receberem-nos sempre, pela manhã, com o riso do olhar. Estavam muito juntos e soluçavam, e a minha mãe, adivinhando, dizia que choravam, e se choravam havia ser por causa do Adolfo, a quem a gente não conseguia ver do outro lado da janela. Nesse dia, ineditamente, não ligámos a televisão. Ficámos a olhar

para eles e, às vezes, a chorar com eles, que alternavam os abraços mútuos com longos e suplicantes olhares que duravam até o regaço das pálpebras se encher de água, uma e outra vez, e eles terem de despejar aquela dor num abraço pelo qual eclipsavam, instantes apenas, a incessante presença de uma solidão que lhes revolvía, sem parar, as entranhas.

O miúdo morrera, dizia o pai, era a única explicação. A mãe, incrédula, saía da sala de cada vez que o meu pai, em jeito de interlúdio entre programas, olhava lá para fora e dizia: o miúdo morreu, coitados, cada vez mais velhos e mais magros, e sem o filho que ainda lhes dava alento, já viste, Marta, se nos tivesse acontecido o mesmo, mas a Marta, avisada das digressões cataclísmicas às quais o meu pai dava cada vez mais corda, já estava na cozinha, a fazer um arroz de polvo absolutamente insosso, porque toda a família, desde que o meu irmão reaparecera à janela, se tinha tornado hipertensa.

Eu, calado, mais do que o costume, porque ia adequando o meu papel à proporção de sossego que dele tirava, tinha muita pena do Rogério, pela primeira vez na vida, e cheguei até a pensar que lhe devia pedir desculpa por tê-lo odiado, mas logo chegava à conclusão de que teria de ser sempre ele primeiro a pedir desculpas por tanto me ter batido quando era o dobro de mim e os pais se ausentavam para trabalhar ou para fazer compras.

Com o desaparecimento súbito do Adolfo, a minha mãe voltou a fazer pressão junto do meu pai para que tirássemos o Nero do quarto e o preparássemos para o Rogério e para a mulher, ao que o meu pai respondia, interrogativamente: o que fazemos ao cão, deita-se fora, e a minha mãe, a conter a angústia, o cão dorme na varanda, Henrique, como dormia antes, e o meu pai: e não achas que terá frio na varanda, olha que estes Invernos têm tendência a piorar, como têm dito nos telejornais, não, Henrique, o cão já é maiorzito do que era

quando lá dormiu e não morreu e não há-de morrer agora e, além disso, é capaz até de tirar vantagem em dormir na baranda, já que não terá de ladrar tanto para que os outros o ouçam e tu és capaz de dormir mais descansado, não és, Henrique, não sei, Marta, não sei, se calhar, por estar mais perto deles, ainda ladra mais, isso só experimentando, Henrique, pois, só experimentando, talvez, sentenciava o velho, um talvez em forma de lembrete para uma decisão a tomar num futuro que aparecia sempre adiado.

Eu desconfiava de que o meu pai não os queria em casa porque tinha medo de ela engravidar novamente e da possibilidade de uma segunda família ocupar concomitantemente, e não lado a lado, o espaço vital que devia pertencer

até para estar de acordo com aqueles programas com os bichos que ele devorava às tardes no sofá, e nos quais muito se falava em ecossistema e *habitat*

a uma família somente, não se criando assim quaisquer ilusões sobre quem mandava e quem obedecia, coisa somente possível se não aparecessem falos irrigados por um sangue a que os Silva eram alheios, o caso do Adolfo, por exemplo, e de qualquer outro miúdo que a minha cunhada

a quem nunca cheguei a chamar assim, talvez porque dessa forma a deserotizasse, quando na verdade, até me entretinha a bater-lhe gloriosas punhetas, imaginando que a deixava entrar em casa, depois de mortos os meus pais

não me lembro de quem os matava, só o sangue, só o sangue por toda a parte

e lhe subia a saia sem trocarmos palavra para a possuir em cima do sofá, ela de joelhos, a olhar para a janela aberta na qual o meu irmão batia de raiva, com ambos os punhos, afastando-se em seguida, miserável e cornudo, destruído pela batalha de pichas que eu, sempre que sonhava, vencia

pudesse ter e que seria sempre uma ameaça, primeiro ao ecossistema, adivinhava-lhe eu a converseta alijada de



sentido mas carregada de conceitos, e logo a seguir ao *habitat* e ao ninho, de uma perspectiva absolutamente ecoantropológica, estão a ver, e terminaria assim, com o ponto de interrogação no qual eu sempre via o capitão gancho, a pender de raiva e de velho, e o Peter Pan, o reverso da medalha, ingénuo até à náusea.

O Rogério e a mulher nunca mais sorriram com os olhos, como nos aprazia tanto ver, e já eram poucas as vezes em que os apanhávamos voltados para nós ou para a televisão a emitir, em contínuo, o registo do exterior do mundo e do interior das coisas. O Rogério estava mais e mais velho, e as diferenças notavam-se diariamente, até uma corcunda inaugural lhe crescia nas costas numa voracidade de bossa, e ele ia ficando com os olhos cada vez mais baixos e mortiços, já lhe era necessário colocar um altinho qualquer por baixo dos pés para olhar para dentro de casa, como a namorada também fazia, ela também emagrecendo, como o Rogério, sem fim à vista, e qualquer dia, dizia a minha mãe, avisada, eles cabem num quadradinho da janela, os dois juntos, ou mirram até ficarem do tamanho do Nero e lhe fazerem companhia no quarto. O meu pai, farto até à molécula de ouvir a minha mãe a falar da reintegração plena do Rogério na nossa vida e de outras coisas que ela repetia, quando uma aberta, mesmo muito pequena, se proporcionava, acabou por dizer-lhe, um dia pela manhã: chama-os para casa, se eles estiverem tão magros como parecem por detrás da janela

que às vezes os vidros diminuem as pessoas, cuidado

sob a condição de passarem em primeiro lugar pela casa de banho, dado não querer lavajões em casa, muito menos da família, por direito próprio ou afinidade electiva.

A minha mãe, transida de felicidade, abriu a persiana até ao topo, partindo, inadvertidamente, a segurança que o meu pai lhe metera para não ser possível subi-la mais de dois

terços e, para espanto de todos, nem o Rogério nem a mulher lá estavam, a minha mãe procurou-os até nos intervalos das pedras de calçada, convencida de que eles tinham mirrado até serem ainda mais pequenos do que o Nero, e esperou por eles meses a fio, com as venezianas constantemente abertas, a despeito de o meu pai pouca graça achar a ser visto por quem quer que passasse na rua

Sr. Henrique, acenavam, como vai a vida?

A mãe deixou de fazer comida ou de lavar e passar a roupa, malgrado os gritos que o pai lhe dava aos ouvidos e que ela ignorava olímpicamente, e eu e o velho, destreinados da vida, tivemos de começar a desenrascar-nos, a lavar e a limpar tudo, até o cão quando este já cheirava à distância, a fazer umas tostas-mistas tão perfeitas como na pastelaria do Brito, para surpresa de ambos, e todos os dias nos levantávamos, orgulhosos da caminha feita, para dar conta da minha mãe, em camisa de dormir, na rua, na calçada, a revirar os calhaus e a chamar baixinho pelo Rogério e o meu pai, em silêncio e bicos de pés, ia buscá-la e metia-a em casa e acendia à televisão, mas ela só queria olhar lá para fora, ela só queria olhar lá para fora.





PARA NÃO TE VER

PARA RAUL HENRIQUES



Já sabes que levei os miúdos, as roupas, as coisas do banho, a comida biológica dividida em pequenas porções dentro de *tupperwares* de cores berrantes como as da Benetton, levei também os livros deles, porque de noite é só pela leitura que consigo convocar o sono do Rogério, e não raras vezes ele acorda horas depois com um pesadelo a esganar-lhe a maçã-de-adão, e eu abraço-o, como te abraçava, Rita, quando fazíamos um ninho tão perfeito que quem nos visse de cima poderia facilmente confundir-nos com um daqueles símbolos chineses a preto e branco em que se vêem explicados a imortalidade e o infinito complementar, e ele nos meus braços faz um infinito só ligeiramente mais pequeno e lá vai voltando ao sono, às vezes a chamar por ti, Rita: a mãe, a mãe, e eu tenho de dizer-lhe a verdade, por muito que agora isso o magoe, percebes, estou certo de que percebes, afinal o futuro está cheio de divãs onde regurgitar a infância, não é como antes, que se carregavam os traumas do berço à cova numa procissão de cicatrizes e eu digo-lhe, baixinho, que dói menos, a mãe é má, Rogério, a mãe, na verdade, é má.

140 | 141

Quando recebi o teu último *email*, no qual me tratavas numa bília de teres encontrado em mim o maior dos criminosos, fiquei muito ansioso, Rita, porque não considero que mereça de ti esse desprezo calcinado com que aprecias todos os meus actos terrenos, mesmo aqueles (e sobretudo aqueles) que nos ligam um ao outro, talvez nunca mais na disposição de cornucópia asiática pela qual se prisma o infinito, mas ainda assim muito próximos, nem que seja pelos putos e pelo cão

devo dizer-te que não voltarei a cortar uma pata ao Nero, foi um erro, a todos os níveis, e já pedi desculpa aos miúdos, e até aproveitei a ocasião para lhes explicar o que era o sangue e a sua importância, e como todos nós estávamos sujeitos às desregras do sofrimento, sem aviso prévio, que não somos nem melhores nem mais espertos

do que os gregos antigos sobre os quais a vida descia torrencialmente num aguaceiro de facas, e o bichinho na verdade não ficou mal, consegue andar, mesmo que sempre em primeira, e a pata não me serviu de nada porque quando entrei nos correios, com ela nos bolsos para ta fazer chegar, percebi que não tinha dinheiro para aqueles envelopes almofadados e o homem não aceitou receber aquilo noutra qualquer: que se rasgava, dizia, vê lá tu que pelo menos ainda há profissionais

e sinto que deverias talvez regressar ao território abandonado do nosso passado recente e lá fazeres a arqueologia do teres gostado de mim, do como e do quanto, e mesmo que saias de lá com coisas mortas nas mãos, pelo menos podes decalcar no processo a forma do nosso trato e passares a ser para mim, mesmo que não o sintas, amorosa, a ver se não acontece mais merda nenhuma.



Hoje mesmo, se te calha a ter curiosidade pelo que fazemos para nos divertirmos, enquanto tu só sabes enfiar-te em casa para digerir esse ódio em *emails* que, na extensão, mais se parecem com sumas teológicas e que só leio até por volta da sétima linha, aborrecido mortalmente com a tua ladainha repetitiva, pela qual recrias ciclicamente uma primazia sobre a vida dos nossos filhos que eu não te reconheço

vê lá se eles não estão bem comigo, Rita, se não os sei fazer felizes de um modo que a ti será sempre inacessível, dado esse apego à etiqueta pedagógica com a qual te arruinaram a infância, Rita, que eles comigo riem, sujam-se e capitalizam a energia própria das crianças a perseguir as crias de pardais que vão chovendo das árvores e, um a um, torcemos-lhes os pequenos pescoços para salvá-los da morte pelo frio ou na boca de um gato, e nunca tu serias capaz disto porque te fazem alergia as escolhas que nascem da tensão entre extremos, tu que no fundo és uma caguinchas, Rita, tu que só gritas comigo porque sabes que haverá sempre no meu corpo um órgão calibrado para

ressoar à tua voz, mas não penses por um segundo que estou nas tuas mãos, Rita, porque eu sou livre como a luz do sol e nem a manta opaca da noite cada vez mais escura poderá um dia anestesiar o meu eterno retorno, Rita e até me atrevo a imaginar-te, sôfrega, por detrás desse monitor e desinteressada de saber da nossa alegria, a soltares em casa os sabujos da polícia informática e eles a tentarem, pelo cheiro dos caminhos IP percorridos pelas minhas mensagens, triangular a minha presença em Espanha ou em Amesterdão, logo eu, Rita, que dei biberão a *firewalls* de estados democráticos nos tempos em que éramos felizes e eu bem pago, e saíamos de casa para as Maldivas como quem vai a Badajoz descobrir um sol mais pardo.

Por detrás deste cu de judas, Rita, como lhe chamas na tua última missiva, apenas tragável até meio, quando te rebenta o descontrolo possessivo de queres chamar tudo teu, vamos fazendo esta vida irresponsável, de acordo com o teu juízo tão precipitado de teres tudo muito bem esquadrinhado e compreendido, mas a gente diverte-se Rita, quem me dera que pudesses falar com os putos, e até to deixaria não os fosses entupir de lamentos e de mentiras, como da primeira e última vez, na qual os aconselhaste a fugir desse maluco e a pedir ajuda a estranhos, Rita, Rita, que raio de mãe aconselha os seus filhos a trocarem o pai por um camionista qualquer a quem agrade os meninos ou as meninas imberbes, Rita, e é por isso, e tu sabes, que não te permito mais um minuto de telefone com eles, e é tão triste dizer que não confio em ti, Rita, afinal ainda és minha mulher, apesar de tudo, mas a verdade é que não confio.

Se me visses agora, Rita, de bigode rapado como um criança de trinta e poucos anos, a vestir umas bermudas ou uma ganga, ao contrário daqueles fatos-macaco para executivos para dentro dos quais me encaracolava contrariado, agora é só sorrisos, Rita, uma vida boa em que o fantasma do quotidiano escolar não assombra a cabeça dos miúdos, eu

tenho menos vinte anos e eles mais dez e encontramos-nos neste éter hertziano da mais pueril adolescência, e é tudo permitido e tu, parva, não quiseste vir, depois de te ter deixado tantas mensagens a suplicar que o fizesses, que te decidisses a aceitar-nos de novo na integridade de uma família, que não, que não, quando me respondias aos lamentos, que não suportavas pensar sequer em deixar-me regressar a casa, na tua cabeça eu era um petroleiro a derramar crude por onde passava, e nem as minhas desculpas insistentes te levaram a repensar, uma vez que fosse, a natureza precária das memórias e do passado, sempre relativos a um ponto de vista que tu, cega, postulavas como absoluto.

E o ter-te batido não pode ser a desculpa para tudo, Rita, afinal o meu pai bateu na minha mãe, o meu avô na minha avó e até o teu tio permanentemente ruborizado cascava na tua tia e, ao que eu saiba ou todas estas pessoas continuam juntas ou a algumas só mesmo a morte as separou, portanto não me venhas dizer que uns pisões ocasionais para te disciplinar a audácia eram o suficiente para me pões as malas à porta sob ameaça policial, tu que procuravas pela aspereza do teu feitio o confronto, e não me tentes fazer crer, Rita, que desconhecias a que soava ou sabia o confronto entre um homem e uma mulher, sobretudo quando esta última insiste na fantasia comunista de transpor toda uma comunidade para dentro de casa para ajuizar as decisões, que, de serem entre homem e mulher, só a eles lhes dizem respeito, mas tu foste perdendo a noção de intimidade, aos poucos, num processo decadente de exposição pública, era ao padeiro que mostravas, de relance, um olho roxo ou uma marca de sangue pisado no braço, era à manicura, no seu apogeu de cerzideira, que desvendavas os nossos desencontros na cama, tudo para que te passassem a mão pelo pêlo e para que viesses para casa, confortada pelas razões alheias de que fazias muletas quando no calor de uma discussão se te acabavam os argumentos.



Tenho a certeza de que foste tu a mandar vir buscar as crianças, tenho a certeza de que me distraí a rotear uma das múltiplas mensagens pelas quais te vou pondo a par da nossa vida sem ti, e tu aproveitaste-te do erro e mandaste um camelo qualquer vestido de nativo recolhê-los ao quarto, para meu desespero de gritar com todos os recepcionistas, gerentes, e outras peças ancilosadas desta máquina centrífuga de onde saíram cuspidos os meus bebés, mas não perdes pela demora, Rita, hei-de persegui-los até te encontrar e a eles, para que vejas como na liberdade da escolha eles virão correndo para mim como um cão para o dono, Rita, e conspurcar-te-ás na tua última humilhação pública de seres preterida como mãe, talvez isto até tenha vindo pelo melhor, Rita, talvez assim aprendas de vez.

Há dias que não tomo os comprimidos, para evitar dormir, e tenho pirateado tudo quanto é companhia aérea na esperança de vê-los inseridos numa folha de voo, mesmo que camuflados pela casca de um pseudónimo, e nada, Rita, não sei bem o que pensar disto e ao mesmo tempo recuso-me a aceitar aquilo que me dizes no teu último *mail*, em que te descartas, mais uma vez, da responsabilidade de ter participado nos seus desaparecimentos, e se queres saber o Nero morreu, talvez da infecção de que não chegámos nunca a tratar, tenho-o ali ao pé da porta como um chouriço estendido, daqueles de não deixar entrar o ar, não sei o que vou dizer aos miúdos quando me perguntarem por ele, talvez pudéssemos inventar uma mentira comum, só para não os ver sofrer a precipitação de um luto, não achas, Rita, que é pelo melhor, não achas?

Hoje mesmo jurei tê-los visto perto de uma gelataria onde comíamos habitualmente a sobremesa, não vais acreditar mas quando os puxei pelas mangas eram de repente outros, muito mais velhos e escuros, e eu não sei onde se meteram os nossos, se calhar és tu que os tens aí e através da cumplicidade desta gente que me detesta

eu vejo-lhes nos olhos o carimbo de estrangeiro com o qual me marcam antes sequer de me afastarem do caminho com um encontro de ombros fazes uma triangulação especular com todas estas câmaras e projectores de segurança e entreténs-te a alumia-los um pouco por toda a parte, para que eu, numa precipitação de gato, me lance à cata destes espectros, às vezes batem-me porque não compreendem a minha necessidade, o meu ardor de voltar a ter os meus filhos comigo, mas tu percebes, não percebes, Rita, e se percebes porque continuas a fazer isto.












Chegaram e tiraram-me daqui o Nero e só não me meteram na rua porque sou estrangeiro e tenho ainda algum dinheiro para lhes untar as mãos corruptas, além de respeitarem a conta que ciclicamente engorda e que eu abato a toques de Visa, está tudo bem aqui, agora, Rita, já sei, agora as coisas fazem sentido, como se o cheiro do cão tivesse implantado uma espécie de neblina mental que subitamente foi retirada e já consigo pensar, finalmente, tenho tudo claro, é uma epifania, acreditas.

Quando os meto dentro do carro eles pensam que me vão chupar a pila como fazem aos outros turistas, mas eu apresso-me a desfazer o equívoco pela expressão verdadeira de um sorriso, que não sou como os outros, digo-lhes, e que nunca seria capaz de fazer isso a um filho meu, e eles ficam meio aturridos e alguns ainda tentam sair do carro, mas eu tenho as portas fechadas e as costas da mão para lhes devolver o sossego e o choro, e arrancamos estrada fora e seguimos até outro quarto de hotel na periferia da cidade e aí eles acalmam porque pensam, no fundo, que a questão ainda é sexual, e nesse território de conforto habitam até que os amordaço e os ato à cama, e nessa altura é demasiado tarde para chorar, para gritar, resta estremecerem como se tivessem frio, neste país que nunca, mas nunca, arrefece, e eu pego num bisturi e começo a



tentar encontrar-lhes por debaixo da pele as feições do Rogério ou da Rita, eu percebi que eles nunca haviam saído daqui quando os comecei a ver por toda a parte, e não há parte ilusória neste processo, apenas a habilidade adquirida de ver a carne por debaixo da carne, e agora já sei que eles estão por toda a parte e é só ter o jeito

que eu nunca fui habilidoso de mãos, como sabes de lhes devolver as feições, e às vezes até penso ter conseguido, mas três dias depois apercebo-me do equívoco e tenho de me dispor daqueles e arranjar outros, felizmente aqui isto é fácil, nem acreditarias, só te pedia um favor, Rita, o último, se tiveres coração, que me mandasses uma fotografia deles, por amor de deus, que eu há dias em que todas as feições me parecem iguais e outros em que estou esquecido de muita coisa, e assim, quando os recuperasse, ainda te deixava falar com eles ao telefone, sabes, se lhes entendesses a língua, que eles, ao crescer, mudaram muito, Rita, mudaram muito.

- 7  No beco da aorta
Originalmente publicado na *Egoísta*, n.º 52, Abril 2014.
- 15  À medida que fomos recuperando a mãe
Originalmente publicado na *Granta*, n.º 1, Abril 2013.
- 29  O Abysmo também olha longamente para ti
Originalmente publicado na revista *Somos Livros*, n.º 6, 2014.
- 39  Quando o pai começou a meter ar
- 57  A avó foi sendo esquecida
- 73  Sobre a física das partículas e a teoria do multiverso quando o bosão de higgs apresenta uma massa inesperada de 125 gev
- 83  Mau tempo no quintal
Originalmente colocado online no site Carrossel Mag, Junho 2013
- 95  O meu avô era o único que tinha guelras, além de pulmões
- 107  Houve um tempo no qual graças ao sucesso do escrete brasileiro muitos miúdos ao nascer foram baptizados de Zico
- 121  Quando se pôs o meu irmão fora de casa
Originalmente publicado na *Granta*, n.º 3, 2014.
- 139  Para não te ver



NOTA BIOGRÁFICA

VALÉRIO ROMÃO nasce em França, nos idos de 1974. Aos dez anos muda-se para Portugal, onde continua os estudos que desembocarão em Filosofia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa. Para além de *tech geek* e de eterno aprendiz de dançarino, tem publicado contos (revistas *Granta*, *Magma*, *Construções Portuárias*), escrito peças de teatro (*Posse*, Teatro da Trindade ou *A Mala*, CCB/Box Nova, por exemplo) e assinado traduções de Samuel Beckett ou de Virginia Woolf (para a editora Aguasfurtadas), cujo universo revisitou também em instalações. Considera-se curioso e teimoso em doses equivalentes e suficientes para aprender as técnicas necessárias para erguer ou remodelar uma casa.

*Na palavra abysmo, é a forma do y
que lhe dá profundidade, escuridão, mistério...
Escrevê-la com i latino é fechar a boca do abysmo,
é transformá-lo numa superfície banal.*

Teixeira de Pascoaes

Edição #27

Lisboa, Novembro 2014

Ilustrações e logótipo convidado **Luis Taklim**

Revisão **Raul Henriques**

Composto em caracteres **Minion Pro** e **Agency FB**
sobre **Munken pure creme 100 g.**

Capa em **Cartolina chromocard 260 g.**

Tiragem **1000 exemplares**

Impressão e acabamento **Rainho & Neves**

Deposito Legal n.º **Xxxxxxxxxxx**

ISBN 978-989-8688-14-9

abysmo

Rua da Horta Seca, 40, r/c

1200-221 Lisboa

www.abysmo.pt

